

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, JORNALISMO E SERVIÇO SOCIAL  
CURSO DE JORNALISMO

DAVI GUIMARÃES SILVA

**O PAPEL DO JORNALISMO ESPORTIVO INVESTIGATIVO NO CASO  
DE CORRUPÇÃO DO CRUZEIRO ESPORTE CLUBE EM 2019**

MONOGRAFIA

MARIANA, 2025

DAVI GUIMARÃES SILVA

**O PAPEL DO JORNALISMO ESPORTIVO INVESTIGATIVO NO CASO  
DE CORRUPÇÃO DO CRUZEIRO ESPORTE CLUBE EM 2019**

Monografia apresentada ao curso Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dra. Adriana Bravin

Mariana, 2025

## SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

S586p Silva, Davi Guimaraes.

O papel do jornalismo esportivo investigativo no caso de corrupção do Cruzeiro Esporte Clube em 2019. [manuscrito] / Davi Guimaraes Silva. - 2025.

76 f.: il.: color., tab..

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Bravin.

Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Capelo, Rodrigo. 2. Moreira, Gabriela (Jornalista), 1985-. 3. Cruzeiro Esporte Clube. 4. Crime e imprensa. 5. Jornalismo esportivo. I. Bravin, Adriana. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 070:796

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa - Bibliotecário Coordenador  
CBICSA/SISBIN/UFOP-CRB6a1407



## FOLHA DE APROVAÇÃO

**Davi Guimarães Silva**

### **O papel do jornalismo esportivo investigativo no caso de corrupção do Cruzeiro Esporte Clube em 2019**

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal  
de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo

Aprovada em 8 de abril de 2025

#### Membros da banca

Dra. - Adriana Bravin - Orientador(a) (Universidade Federal de Ouro Preto)  
Dr. - Claudio Rodrigues Coração - (Universidade Federal de Ouro Preto)  
Dra. - Thalita Neves - (Universidade Federal de Santa Catarina)

Adriana Bravin, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 01/07/2025



Documento assinado eletronicamente por **Adriana Bravin, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 29/06/2025, às 18:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufop.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0935762** e o código CRC **D9C6924C**.

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso faz um estudo exploratório sobre o jornalismo esportivo investigativo, tendo a reportagem especial, “Um Gigante em Crise”, dos repórteres Rodrigo Capelo e Gabriela Moreira, exibida no programa Fantástico, da TV Globo, como objeto de pesquisa. A reportagem revelou os problemas fiscais e de corrupção enfrentados pelo Cruzeiro Esporte Clube, em 2019, e trouxe uma nova perspectiva de análise sobre os clubes de futebol, permitindo aos leitores um olhar mais rigoroso em relação aos bastidores de uma instituição esportiva e os problemas financeiros desencadeados pela má administração. Os objetivos foram analisar e traçar as principais características da reportagem exibida no dia 26 de maio de 2019, e a sua relação com o jornalismo esportivo investigativo, considerando-a um marco na abordagem desse tipo de cobertura especializada ao estabelecer um novo padrão de rigor no acompanhamento da gestão financeira dos clubes.

**Palavras Chave:** Cruzeiro Esporte Clube; Jornalismo Investigativo; Jornalismo Esportivo; Rodrigo Capelo; Gabriela Moreira

## **ABSTRACT**

This final paper is an exploratory study on investigative sports journalism, using the special report, “A Giant in Crisis”, by reporters Rodrigo Capelo and Gabriela Moreira, shown on the Fantástico program on TV Globo, as the object of research. The report revealed the fiscal and corruption problems faced by Cruzeiro Esporte Clube in 2019, and brought a new perspective of analysis on football clubs, allowing readers to take a closer look at the backstage of a sports institution and the financial problems triggered by mismanagement. The objectives were to analyze and outline the main characteristics of the report shown on May 26, 2019, and its relationship with investigative sports journalism, considering it a milestone in the approach to this type of specialized coverage by establishing a new standard of rigor in monitoring the financial management of clubs.

Keywords: Cruzeiro Esporte Clube; Investigative Journalism; Sports Journalism; Rodrigo Capelo; Gabriela Moreira

## LISTA DE FIGURAS

**Figura 1** - Jornal da época noticiando título nacional do Cruzeiro diante do Santos, em 1966.

**Figura 2** - Inauguração da Toca da Raposa I, com solenidade e placa de homenagem ao presidente Felício Brandi. (*Estado de Minas*, Reprodução).

**Figura 3:** Cruzeiro Campeão Brasileiro de 2003. Foto: Paulo Fonseca/AE

**Figura 4:** Fred foi negociado junto ao Lyon em meados de 2005. Foto: Globoesporte.com

## **LISTA DE TABELAS**

**Tabela 1** - Lista de Presidentes do Cruzeiro entre 1995 e 2023

**Tabela 2** - 10 Maiores vendas do Cruzeiro na Era Perrella

**Tabela 3** - Relação entre receitas e dívidas no Cruzeiro entre 2014 e 2017

**Tabela 4** - As primeiras contratações da gestão Wagner Pires de Sá

**Tabela 5** - Contratações do Cruzeiro em 2019

## **LISTA DE ABREVIACÕES E SIGLAS**

**CONMEBOL** - Confederação Sulamericana de Futebol

**CEF** - Caixa Econmica Federal

**CBF** - Confederação Brasileira de Futebol

**Abraji** - Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo

**FIFA** - Federação Internacional de Futebol (Fédération Internationale de Football Association)

**BH** - Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais

## SUMÁRIO

<b>1 - INTRODUÇÃO</b> .....	08
<b>2- JORNALISMO ESPORTIVO INVESTIGATIVO</b> .....	11
2.1 Jornalismo Esportivo .....	11
2.2 Jornalismo Investigativo .....	17
2.3 Jornalismo Investigativo no Esporte.....	22
<b>3- CRUZEIRO ESPORTE CLUBE</b> .....	26
3.1 A história do Cruzeiro Esporte Clube.....	26
3.2 A queda: O caminho do Cruzeiro até a crise política e institucional em 2019.....	32
3.3 Torcedor de dirigente .....	49
<b>4- UM GIGANTE EM CRISE: A REPORTAGEM DO FANTÁSTICO</b> .....	52
4.1 Descrição da reportagem .....	52
4.2 O papel da apuração na construção da reportagem especial.....	58
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	69
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	71

## 1 - INTRODUÇÃO

Durante a sua história, o Cruzeiro Esporte Clube foi, por muito tempo, considerado uma das gestões mais competentes, austeras e transparentes do futebol brasileiro. No entanto, desde o início dos anos 2000, a instituição começou a dar os primeiros passos rumo à desorganização, déficit financeiro e problemas de gestão, até chegar ao seu apogeu, em 2019, com a iminente falência e o pior resultado dentro de campo que o torcedor já havia presenciado: o rebaixamento para a Segunda Divisão do campeonato nacional.

Por meio de pesquisas bibliográficas e em jornais dos anos de 2018 e 2019, durante a gestão de Wagner Pires de Sá e Itair Machado, observamos o caminho que a instituição tomou em relação a uma coleção de ilegalidades, fraudes e documentos falsos utilizados pela administração com o único objetivo de enriquecimento ilícito dos próprios mandatários do clube. Com a escalada da crise e a falta de pudor e profissionalismo por parte dos administradores, o especialista em negócios do esporte, Rodrigo Capelo, criador e apresentador do podcast “Dinheiro em Jogo”, começou a estudar, de modo mais profundo, os documentos oficiais, contratos, balanços e balancetes contábeis para entender o motivo da crise financeira do clube, em 2019.

A partir desses levantamentos e seus desdobramentos, a apuração do jornalista do Grupo Globo começa a ficar ainda mais minuciosa e esclarecedora, já que, a princípio, não fazia muito sentido um clube com uma dívida quase bilionária, continuar gastando de modo desordenado, sem nenhum pudor e comedimento com as contas da instituição.

Com o avanço da apuração, Gabriela Moreira, repórter experiente em coberturas especiais do esporte do Grupo Globo, entrou em ação para auxiliar Capelo na produção da reportagem que seria uma das matérias especiais do Esporte Espetacular, tradicional programa esportivo de domingo, da TV Globo. Mas, com o desenrolar da apuração, após constantes idas dos repórteres a Belo Horizonte, a matéria foi realocada para o Fantástico, como a reportagem especial da noite de 26 de maio de 2019.

Em seu livro sobre o trabalho de especialista em negócios do esporte, *O Futebol como ele é* (2021), Capelo conta os bastidores da apuração da reportagem sobre a crise financeira no Cruzeiro, exibida no Fantástico e como a investigação começou, desde a sua primeira análise do balanço financeiro do clube e as principais incoerências contábeis realizadas pela então gestão de Sá-Machado.

A reportagem que exibiremos no Fantástico começou da maneira mais trivial. A história chegou até mim do mesmo modo que muitas outras. Participei ao vivo do *Redação SporTV* numa terça-feira pela manhã - como fazia uma vez por semana, às vezes mais - e expus ao público um erro grosseiro e proposital que a diretoria de Wagner Pires de Sá tinha cometido em seu balanço financeiro, a fim de reduzir o prejuízo incorrido em seu primeiro ano de gestão. O diretor financeiro contabilizou parte da venda do meia Arrascaeta para o Flamengo, negociada e executada em 2019, como receita de 2018. (...) Algumas pessoas assistiram ao meu comentário na televisão fechada e acharam que eu poderia me interessar por mais informações. Começaram a me mandar mensagens depois que tirei o microfone. A um mês e meio do *Fantástico*. (Capelo, 2021, pág. 242)

Conforme descrito em seu livro, apesar de nunca ter tido a pretensão de um dia se tornar repórter investigativo, Capelo conseguiu, ao longo do seu trabalho de apuração no caso Cruzeiro, mostrar ao público o dia a dia desse segmento jornalístico, que exige longo trabalho de preparação e investigação por parte dos repórteres, com foco em apurar e divulgar informações relevantes sobre os atos desviantes que afetam o interesse público (Lage, 2004).

A reportagem exibida no Fantástico, “Um Gigante em Crise”, escancarou os problemas financeiros do Cruzeiro causados pela direção do clube, como a cessão de direitos econômicos de atletas como garantia de pagamento de empréstimo, aumento do próprio salário e pagamento às torcidas e personalidades públicas a fim da sua manutenção no poder. Todo esse esquema, com o objetivo de lesar os cofres da instituição, trouxe graves consequências, com um clube à beira da falência nos anos seguintes e o primeiro rebaixamento da história do Cruzeiro para a segunda divisão do campeonato nacional.

Desse modo, o trabalho final da apuração de Rodrigo Capelo e Gabriela Moreira tornou-se um marco para o jornalismo esportivo nacional, bem como o foram o escândalo da “Máfia das Loterias Esportivas”, reportagem publicada na Revista Placar, na década de 80, e a apuração da Revista Veja (2005), sob comando do jornalista André Rizek, sobre a “Máfia do Apito”, que foi determinante para o resultado final do Campeonato Brasileiro daquela edição, quando o Corinthians consagrou-se tetracampeão nacional.

Este trabalho de conclusão de curso faz um estudo exploratório sobre o jornalismo esportivo investigativo, tendo o trabalho dos repórteres Rodrigo Capelo e Gabriela Moreira, a respeito da crise financeira no Cruzeiro, em 2019, como objeto de pesquisa. Os objetivos foram analisar e traçar as características da reportagem, assinada pelos repórteres, exibida no Fantástico em 26 de maio de 2019, e sua relação com o jornalismo esportivo investigativo, considerando-a como um marco na abordagem desse tipo de cobertura especializada.

Nesse sentido, o trabalho discute, no capítulo 2, Jornalismo Esportivo Investigativo, a história do jornalismo esportivo no Brasil e as características do jornalismo esportivo investigativo, com base nos conceitos de Coelho (2003), Kfoury (2017) e Xavier (2004), em que, em vários momentos, a história do Jornalismo Esportivo Investigativo se mistura com a história da Revista Placar.

No capítulo 3, aborda-se o histórico do Cruzeiro Esporte Clube, traçando um paralelo entre a história do clube e sua crise financeira. Aqui, é importante contextualizar o caminho de um clube vitorioso e tradicional no continente até a situação de insolvência vivida durante o ano de 2019. Esse processo não aconteceu do dia para a noite, envolve muitas pessoas e gestões, até chegar ao comando de Wagner Pires de Sá e Itair Machado, em 2018.

No quarto e último capítulo, analisa-se a reportagem “Um Gigante em Crise”, exibida no Fantástico de 26 de maio de 2019 e fundamental na virada de jogo para o Cruzeiro. A reportagem deu luz à um grande problema da gestão Pires de Sá, onde dirigentes realizavam manobras para maquiar o rombo financeiro do clube, ocasionado por gestões inconsequentes, fraudes fiscais e contábeis. Após a veiculação, o clube passou por diversas crises internas até se ver obrigado a realizar uma série de mudanças na cúpula diretiva em virtude da série de crimes e imprudências administrativas.

O legado que os jornalistas deixaram com esta investigação vai muito além de uma contribuição para divulgar os escândalos da gestão de Wagner Pires de Sá e Itair Machado. Acredito tratar-se de um modelo de investigação a ser seguido no segmento esportivo investigativo, bem como exemplo do olhar crítico, da paciência, da atenção, da checagem das fontes e da lealdade ao leitor, itens que todo repórter deve ter ao executar o seu trabalho (Fortes, 2005).

Além de expor as irregularidades da gestão do Cruzeiro, a reportagem “Um Gigante em Crise” se tornou um marco no jornalismo esportivo investigativo ao estabelecer um novo padrão de rigor no acompanhamento da gestão financeira dos clubes. A partir dessa investigação, jornalistas passaram a dedicar mais atenção à análise dos “bastidores” das equipes, e as próprias torcidas se tornaram mais atentas e exigentes quanto à transparência administrativa.

O impacto da reportagem também fortaleceu o trabalho de Rodrigo Capelo, que passou a ganhar maior projeção na mídia com suas análises aprofundadas no podcast “Dinheiro em Jogo” e suas participações recorrentes em programas da grade do Grupo Globo, como Redação SporTV e Seleção SporTV. Esse novo olhar crítico sobre a economia do futebol não apenas influenciou a cobertura jornalística esportiva, mas também serviu de alerta para dirigentes e clubes sobre a necessidade de uma administração mais transparente e responsável.

## 2- JORNALISMO ESPORTIVO INVESTIGATIVO

### 2.1 Jornalismo Esportivo

O jornalismo esportivo foi, por muito tempo, considerado um nicho desvalorizado, supérfluo e muitas das vezes desnecessário. Segundo Coelho (2003), nas redações do passado, sempre havia alguém disposto a cortar uma linha a mais dedicada ao esporte. O início da cobertura esportiva se deu na década de 30, no país, com a criação do *Jornal dos Sports*, no Rio de Janeiro. O primeiro diário exclusivamente dedicado à atividade esportiva no Brasil foi um dos grandes responsáveis pela popularização do segmento que, à época, ainda era muito elitizado.

Durante todo o século passado, dirigir redação esportiva queria dizer tourear a realidade. Lutar contra o preconceito de que só os de menor poder aquisitivo poderiam tornar-se leitores desse tipo de diário. O preconceito não era infundado, o que tornava a luta ainda mais inglória. De fato, menor poder aquisitivo significava também menor poder cultural e, conseqüentemente, ler não constava de nenhuma lista de prioridades. E se o futebol - como os demais esportes - dela fizesse parte, seria necessário ao apaixonado ir ao estádio, isto é, ter menos dinheiro para comprar boas publicações sobre o assunto. (Coelho. p.9, 2003)

O ofício de um jornalista esportivo foi, desde o início, marcado pelo preconceito envolvendo a atividade, na tentativa de inferiorizar o trabalho deste profissional por não abordar assuntos de grande comoção nacional, como o jornalismo político, investigativo, dentre outras esferas. Desde sempre, esta atividade jornalística foi marcada por um diferencial: A paixão.

Passada a febre dos esportes de regata e com a popularização do futebol no Brasil, após as conquistas dos campeonatos Sul-Americanos de 1919 e 1922, que no futuro se tornaria a Copa América, torneio mais importante do CONMEBOL, a população brasileira, começa a conhecer e se envolver cada vez mais com o esporte bretão que a pouco havia chegado em terras sudacas.

Segundo Coelho (2003), a população se apaixonou ainda mais pelo futebol depois da primeira conquista da Seleção Brasileira. Mas foi só a partir do começo dos anos 1940 que o futebol ganhou relatos apaixonados, em espaços cada dia maiores, nos diários cariocas, especialmente, com colunistas como Mário Filho e Nelson Rodrigues.

Lidar com a emoção e com o amor do torcedor, de certa forma, mudou os rumos da escrita esportiva, nesse período, nas figuras desses dois autores que se tornaram grandes referências e inspiração aos comunicadores que almejam seguir a área esportiva. Enquanto Mário adotava uma abordagem mais descritiva, valorizando a narrativa do futebol como um espetáculo popular e cultural através da exaltação do drama e da emoção das partidas, visando criar um elo entre o futebol e a identidade nacional. Nelson trazia um tom mais literário e teatral para o jornalismo esportivo, com uma escrita carregada de metáforas e exaltação dos personagens, transformando-os em seres quase míticos.

Ambos foram fundamentais para a construção da crônica esportiva no Brasil, transformando o jornalismo esportivo em algo além da mera cobertura factual dos jogos, mas sim em um espaço de narrativa e interpretação do futebol como parte da cultura e da identidade do país.

O começo de qualquer partida é uma janela aberta para o infinito. Ao soar o apito inicial, todas as possibilidades passam a ser válidas. Eu falava em sofrimento. Tudo no jogo de amanhã justifica uma tensão intolerável. Há a angústia da dúvida. E há a angústia inversa da certeza. Milhões de brasileiros estão certos do bi. E, apesar disso, ou com isso mesmo, andam crispados em casa, na rua, por toda parte (**Rodrigues**, 2013, p. 25).

Ainda na figura de Rodrigues, a paixão, o romance e a subjetividade tomavam conta do cenário esportivo até meados da década de 60. O que Coelho (2003) chama de imprecisão dos relatos de Nelson, se dava muito por conta da criação dos personagens e suas histórias, como a alcunha de “Rei” para Pelé, o “Clássico dos Milhões” para Vasco e Flamengo e o “Fla Flu” para o clássico Flamengo e Fluminense. O jornalismo esportivo carioca era muito diferente do que vemos hoje. A informação precisa não era o principal. As crônicas de Nelson Rodrigues e Mário Filho enriqueciam a página dos jornais com drama e poesia, cativando a ida do público ao estádio. Na descrição a seguir, Rodrigues enaltece as qualidades físicas e as habilidades de Pelé, cuja alcunha de Rei do Futebol ganhou força graças aos seus relatos.

Dir-se-ia um rei, não sei se Lear, se imperador Jones, se etíope. Racialmente perfeito, do seu peito parecem pender mantos invisíveis. Em suma: — ponham-no em qualquer rancho e a sua majestade dinástica há de ofuscar toda a corte em derredor. [...] Quando ele apanha a bola e dribla um adversário, é como quem enxota, quem escorraça um plebeu ignaro e piolhento. (**Rodrigues**, 2013. p.85)

Em paralelo às crônicas dos irmãos Rodrigues, a programação de esportes no rádio começava a dar seus primeiros passos como uma atividade profissional na Copa do Mundo de 1938, na França, com as transmissões das partidas da seleção brasileira sob narração de Gagliano Neto. De acordo com José Carlos Marques (2007), o rádio buscava se consolidar ao lado dos jornais impressos. Entre os anos 40 e 50, o rádio expandiu suas transmissões e atingiu grande parte do Brasil, em locais que até aquele momento, os impressos não chegavam com frequência.

A essa altura, com a profissionalização do ofício do jornalista especializado em esportes e a popularização do futebol, a editoria começa a ganhar importância pela vasta gama de assuntos que aborda, do profissional ao amador, das categorias de base aos veteranos. Em relação ao jornalismo especializado, segundo Erbolato (p.15), cada segmento necessita de um profissional que entenda do assunto e que explique, comente e analise a possibilidade dos concorrentes e as consequências de uma vitória, derrota ou empate em algumas competições. Para Paulo Vinícius Coelho (2004), um bom jornalista de esportes é, antes de qualquer coisa, um bom jornalista.

Ainda nos anos de 1960, Marques (2007) ressalta que o rádio se mantinha como principal veículo da mídia esportiva, com coberturas radiofônicas extremamente detalhadas, ricas em informação e emoção, visto que nas copas de 1962 e 1966, eram as únicas formas de se acompanhar as transmissões do mundial ao vivo.

A partir da década de 70, nos impressos, o romance começa a perder o protagonismo para as informações precisas e concretas graças ao compromisso da imprensa de contar a verdade. A mudança desse cenário acontece, principalmente, em virtude do ganho de protagonismo da imprensa paulista, na figura do *Jornal da Tarde* e sua forma de se fazer jornalismo. Essa mudança no jornalismo esportivo está ligada a uma transição do estilo mais literário e subjetivo, característico do jornalismo carioca de Rodrigues e Filho, para um modelo mais informativo e analítico, muito influenciado pelo jornalismo paulista.

Dentro desse contexto, o *Jornal da Tarde* foi um dos principais responsáveis por essa transformação. Lançado em 1966, ele trouxe uma nova proposta para a cobertura esportiva, apostando em textos mais objetivos, diretos e analíticos, com uma maior valorização dos dados e da precisão das informações. Esse modelo se afastava da subjetividade romântica das crônicas cariocas, priorizando um jornalismo que se aproximava do factual e do investigativo. Isso significava menos espaço para hipérboles, metáforas e construção de mitos, e mais ênfase em reportagens detalhadas, entrevistas e análises táticas.

Por isso, diante desse redirecionamento do jornalismo esportivo no Brasil, a cidade de São Paulo ganha notoriedade e se torna o grande polo do ofício no Brasil. Segundo Coelho (2003), com a troca, os textos mais românticos de Nelson e Mário perdem força para a precisão nas informações e a ausência de sentimento, proporcionando uma quebra na criação de “lendas vivas” do futebol como Pelé, Garrincha e até mesmo Bellini, que imortalizou o ato de levantar a taça em comemoração, e mesmo sendo um zagueiro, sem grandes qualidades técnicas, é considerado um dos grandes nomes da história de um Brasil pentacampeão do mundo.

Apesar da disputa com a televisão, que ganha destaque a partir da Copa do Mundo de 1970, no México, os impressos e, principalmente, o rádio se mantinha firme no objetivo de levar informação aos leitores e ouvintes, no entanto perdia - pouco a pouco - protagonismo nas transmissões ao vivo para o novo estilo de transmissão em ascensão no país.

Segundo Guerra (2022) o rádio recebeu a televisão como uma ameaça, inicialmente. Somente depois percebeu que era possível a plena convivência entre os dois veículos. Essa ideia foi consolidada após a percepção de que, principalmente no jornalismo esportivo, algumas peculiaridades da linguagem radiofônica jamais perderiam a relevância, como a narração dos jogos.

Uma das estratégias para o rádio foi atuar em complementaridade com a televisão. Foi isso que a rádio Record fez na Copa do Mundo de 1982, disputada na Espanha. Com os direitos de transmissão comprados com exclusividade pela TV Globo, a Record resolveu chamar os ouvintes para escutar a rádio enquanto assistia aos jogos na televisão. (Guerra, 2022)

Coelho (2003) exemplifica através da figura de Roberto Avallone, um dos principais nomes do caderno de esportes do *Jornal da Tarde*, ao lado de Vital Battaglia, que já no início dos anos 80, resolve migrar para a carreira televisiva sob a premissa de que “ (...) investir em televisão é o melhor negócio. Paga muito melhor e dá ao jornalista que trabalha com esporte uma visibilidade que os jornais não oferecem mais” (Coelho, 2003, p. 47)

A introdução de novas formas de cobertura esportiva, como a TV e o novo estilos de escrita dos jornalistas nos impressos, possibilitou que os profissionais da imprensa explorassem alguns aspectos mais profundos do jogo, adotando métodos mais conceituais e menos empíricos. O resultado disso é uma crônica desprovida de paixão, o que pode ocasionar em muitos momentos a exclusão do mito. (Coelho, 2003, p.xx)

Para Coelho (2003), jogadores como Romário, Bebeto e Dunga jamais foram tratados com a reverência dos primeiros campeões do mundo de 1958 e 1962. O autor ainda ressalta que entre as décadas de 70, 80 e 90 talvez tenha faltado um pouco da vertente de Nelson Rodrigues e

Mário Filho no jornalismo esportivo. Nesse tempo, ninguém abordou os fatos do esporte com crônicas sobre os incríveis feitos de Romário e Ronaldo. Naquele momento, importavam apenas os relatos repletos de realidade. Realidade essa que não apenas para ele, era considerada “real demais para feitos tão irreais” dentro das quatro linhas do gramado.

Esse olhar romântico sobre o jogador brasileiro reapareceu somente em 2002, ainda que vagamente, na figura de Ronaldo Fenômeno, fundamental na imagem da construção do ídolo nacional através de uma técnica muito conhecida e aplicada em outros gêneros pelos jornalistas, baseada no conceito de Campbell (1949): A jornada do herói. O atacante que, quatro anos antes, era destaque na campanha da seleção de Zagallo, na Copa de 1998, sofreu uma convulsão enquanto tirava um cochilo às vésperas de uma final de Copa do Mundo. Na final, no Stade de France, derrota do Brasil para os donos da casa por 3x0.

Em novembro de 1999, o centroavante brasileiro precisou fazer uma cirurgia no joelho direito que o afastou dos gramados durante todo o campeonato. Em seu retorno, em abril de 2000, Ronaldo entra em campo pela final da Copa Itália, diante da Lazio. Após 6 minutos em campo, o Fenômeno cai sozinho após sofrer uma ruptura total do tendão patelar do joelho direito e só retorna aos gramados em agosto de 2001.

O histórico de lesões e a sensação de que ele ainda não estava 100% jogaram dúvidas sobre a presença de Ronaldo na Copa do Mundo de 2002. Mas não se tratava de um jogador comum – e o técnico Luiz Felipe Scolari sabia disso. Na convocação para o Mundial, Felipão apostou suas fichas na redenção de Ronaldo. Era uma tentativa de dar à Seleção o toque final de um craque no comando de um ataque que já contava com um Rivaldo no auge e um Ronaldinho em franca ascensão. O Fenômeno não só justificou a aposta, como conseguiu provar para o planeta que o craque ainda estava lá e que seu apelido era o mais preciso possível. (FIFA, 2022)

O jornalismo esportivo impresso sofreu muitas alterações ao longo do século XX, e com o passar do tempo, a escrita se tornou cada vez mais sem a ousadia e o “talento” das crônicas dos irmãos Rodrigues. Entretanto, diante das mudanças ao longo da década de 70 dos veículos impressos, surgiam novos expoentes para essa nova era do jornalismo esportivo, com a Revista Placar, nascida em março de 1970. Para Sérgio Xavier (2004), contar a história da Placar é contar a história do futebol brasileiro, já que ela fez parte do novo estilo de contar histórias do mundo da bola.

A Placar iniciou com uma revista que tinha 31cm x 23cm de largura, capa e miolo no mesmo papel. Só a capa tinha cor. A número 1, com Pelé se preparando para a Copa de 70, vendeu 182 mil exemplares. Mas a venda cresceria conforme o desempenho da Seleção brasileira. Em junho, chegou a 228 mil com a conquista da Copa. Acabou a Copa, acabou a festa. A média

caiu para 39 mil exemplares por semana. Mas aí a cor começou a entrar nas aberturas de matérias e a equipe teve uma grande ideia: palpites semanais sobre loteria esportiva, a grande coqueluche da época. A tiragem subiu para 100 mil e Placar começava a se firmar como o grande veículo do futebol brasileiro. (Xavier, 2004, p.41)

As principais mudanças trazidas pela revista na imprensa esportiva foram o uso das cores nas fotos e a veiculação de grandes entrevistas para se distinguir do restante da imprensa escrita que, na maioria das vezes, se limitavam apenas à descrição do jogo, a que já era comum no período após as crônicas dos irmãos Rodrigues. De acordo com Xavier (2004), sabendo do grande alcance da revista, os jogadores aproveitavam para “soltar a matraca” e render ótimas reportagens o que, conseqüentemente, levava a um aumento no número nas vendas das tiragens.

Em 1982, a série de matérias sobre a “Máfia da Loteria Esportiva” credencia a Placar como uma das mais importantes do país – e que se relaciona com o objeto dessa monografia –, sendo este um dos primeiros casos de grande reportagem investigativa na área esportiva, que contou com uma apuração de um ano do repórter Sérgio Martins e revelou o envolvimento de mais de 125 pessoas – dentre elas, árbitros, jogadores e dirigentes – que fraudavam resultados para benefício de um grupo de apostadores.

Em “*Confesso que Perdi: Memórias*”, o jornalista Juca Kfourri, diretor da *Revista Placar* à época, traz relatos dos bastidores da apuração e o contexto histórico da imprensa esportiva, que até aquele momento, não priorizava reportagens mais densas, de longos períodos de apuração e produção. Para Kfourri (2017), a superficialidade dá menos trabalho, nenhuma dor de cabeça, zero pressões e ações judiciais.

Em 1979, três anos antes da veiculação da reportagem especial e pouco antes de assumir a direção da Placar, Juca recebe informações do jornalista Milton Coelho da Graça, sobre indícios de manipulação de resultados nos jogos da Loteria Esportiva, febre no Brasil na década de 70 assim como as casas de apostas estão para os dias atuais. Em seu livro, Juca conta que foi, pessoalmente, até a sede da Caixa Econômica Federal, em Brasília, para pesquisar novas informações acerca das suspeitas. No entanto, não foi muito bem recebido e teve muitas dificuldades para obter informações.

Numa segunda visita, levemente mais bem sucedida, pude constatar uma incrível coincidência: apostas vitoriosas cravaram seco em resultados que eram improváveis, as chamadas zebras, e preenchiam as três colunas (vitória, derrota e empate) em jogos com favoritos destacados. Exemplificando pelo absurdo: Barcelona x Íbis recebia um triplo (os três

resultados possíveis), mas Real Madrid x Bayern Munique recebia apenas o triunfo do time alemão. Nada era conclusivo, não se provava coisa alguma, mas era estranho (...) Passei a desafiar o reportariado a cada reunião de pauta, e oferecia um ano de prazo para investigar o tema. (Kfourri, 2017. p.35)

Posteriormente, em outubro de 1981, entra em cena o repórter Sérgio Martins, que assinou a reportagem investigativa da revista no ano seguinte. Na ocasião, o jornalista chegou até a sala de Juca com possíveis informações de uma quadrilha da cidade de Santos, litoral paulista, que manipulava resultados. A partir dessa informação, a revista consegue levantar o nome de 125 envolvidos no esquema em todo o Brasil.

A edição de outubro de 1982, com a chamada “*Exclusivo: Desvendamos a Máfia da Loteria Esportiva*”, marcou o pontapé inicial do jornalismo investigativo no esporte, nos permitindo compreender e analisar uma vertente cada vez mais profissional, o ofício de um jornalista esportivo.

Durante uma semana apanhamos mais que Judas Iscariotes. Foram páginas e mais páginas de jornais repletas de desmentidos. Diariamente o *Jornal Nacional* mostrava os denunciados com suas versões. *Placar*, cuja edição vendera mais de 300 mil exemplares, era acusada de trair o futebol brasileiro, e a *Caixa Econômica* atestava a credibilidade da loteria que bancava. Mas tínhamos mais indícios e convicções. (Kfourri, 2017. p.36)

Como já supracitado, a história da *Revista Placar* se mistura, em muitos momentos, com o desenvolvimento do jornalismo investigativo no esporte. Após a reportagem de Sérgio Martins, em 1982, a revista deu seguimento a esta especialização do trabalho jornalístico e voltou a ganhar grande notoriedade em 2005, com o escândalo da “Máfia do Apito”, com o então repórter da revista, André Rizek, hoje âncora e editor chefe do *Seleção SporTV*, roda de debates esportivos realizado diariamente no canal fechado do Grupo Globo. Rizek liderou as apurações e assinou a reportagem responsável pela remarcação de 11 partidas do Campeonato Brasileiro daquele ano, em virtude das denúncias de manipulação de resultados por parte do árbitro Edílson Pereira de Carvalho.

Para Kfourri (2017), a *Placar* virou exemplo para uma geração de profissionais que hoje atuam na linha de frente no jornalismo investigativo no esporte, como Camila Mattoso, Jamil Chade, Martín Fernandes, Lúcio de Castro, Rodrigo Mattos, Sérgio Rangel e Gabriela Moreira, peça fundamental desta monografia, ao participar, ao lado de Rodrigo Capelo, da

apuração do caso de corrupção no Cruzeiro Esporte Clube, que resultou na reportagem especial do Fantástico exibida em 26 de maio de 2019.

## **2.2 Jornalismo Investigativo**

Antes de tudo, é de suma importância ressaltar o pensamento de Eugênio Bucci (2000), em que o autor ainda considera difícil analisar o jornalismo investigativo como um nicho independente, um gênero autônomo. Segundo Bucci, o jornalismo investigativo é, antes de tudo, jornalismo. Entretanto, ressalta que o que caracteriza a modalidade é o método de apuração e o formato de apresentação..

Marcelo Beraba, enquanto presidia a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), também destacava o que ele chamava de “desconforto” ao utilizar o termo que dá nome a associação. Contudo, Beraba também considera que o termo “jornalista investigativo” se tornou necessário para as reportagens que demandam maior rigor na apuração, mais tempo e paciência para pesquisa, checagem, entrevistas e recheagem, como será observado ao mergulharmos em algumas reportagens investigativas no esporte.

Pensando nos critérios de noticiabilidade elencados por Nelson Traquina (2005), existem alguns fatores importantes que merecem destaque nas apurações investigativas por parte dos repórteres. Dentre eles, a relevância social e o conflito. Enquanto o primeiro é fundamental para atrair o interesse público e a incessante necessidade de responsabilização de algo ou alguém, o segundo destaca o papel de um repórter investigativo, visto que, sem o conflito, o jornalismo perderia a sua capacidade de questionar e expor regularidades, tornando-se apenas uma reprodução do discurso oficial. É através do conflito, que as investigações surgem, nas disputas de poder. O papel do jornalista é revelar o que está por trás dos discursos oficiais e dar voz aos que sofrem os impactos e estão interessados no caso.

A relevância é outro valor-notícia importante da comunidade jornalística. Esse valor-notícia responde à preocupação de informar o público dos acontecimentos que são importantes porque têm um impacto sobre a vida das pessoas. Esse valor-notícia determina que a noticiabilidade tem a ver com a capacidade do acontecimento incidir ou ter impacto sobre as pessoas, sobre o país, sobre a nação (Traquina, 2005. p,80).

De acordo com Traquina (2005), em relação à investigação jornalística também é importante ressaltar o valor-notícia novidade e a necessidade de, a cada vez que retomar um assunto, apresentar novos elementos. Segundo o autor, o universo jornalístico se interessa

muito pelos fatos noticiados pela primeira vez. Para que isso aconteça, existe a necessidade de se criar um gancho, como forma de justificar a noticiabilidade de algum fato, que em algum momento teve relevância no passado, e agora, torna a ser importante.

Para os jornalistas, uma questão central é precisamente o que há de novo. Nos trabalhos de jornalismo de investigação, uma das maiores dificuldades para o jornalista é a justificativa para voltar ao assunto sem novos elementos: Geralmente tem que haver algo de novo para voltar a falar do assunto. Devido à importância deste valor-notícia, o mundo jornalístico interessa-se muito pela primeira vez. (Traquina, 2005, p.81)

Ainda sobre os valores-notícia, a infração é mais um ponto que precisa ser levado em conta na criação de reportagens, densas e complexas como as que serão abordadas nesta monografia. Isso acontece em relação ao que Traquina (2005) considera como quaisquer transgressões de regras, e é dessa forma que conseguimos observar a importância do crime, em si, como notícia, por exemplo.

Uma parte importante das notícias sobre o crime são rotineiras e breves, porque o grosso do crime é visto como uma rotina. O crime é percebido como um fenômeno permanente e recorrente, e assim, grande parte dele é observado pelos media noticiosos de uma forma igualmente rotinizada. Muita desta cobertura do crime assinala, no entanto, a transgressão de fronteiras narrativas, a cobertura mais pormenorizada de certas circunstâncias dramáticas de um crime resulta e sobressai de pano de fundo deste tratamento rotinizado do crime (Traquina, 2005. p,85).

No passo a passo do bom jornalismo investigativo, Leandro Fortes (2005) afirma que existem alguns pilares que diferenciam o jornalismo investigativo das demais especialidades jornalísticas, como as circunstâncias que são, de modo geral, mais complexas, do tempo de apuração e, claro, a pressão aplicada por parte do público, em determinados momentos, e também das grandes chefias de redação.

Fortes (2005) ainda elenca oito ações cruciais em que o jornalista investigativo precisa se basear durante a produção de uma boa reportagem na área, a começar pela **pesquisa minuciosa**, capacidade esta que deve ser o cerne de cada jornalista, independente da sua área de atuação e por esse motivo, precisa ser feita com os “olhos críticos de todo bom repórter”. Diz o autor: “Leve sua loucura até o fim. Pesquise na internet cada nome encontrado. Cada empresa citada em uma investigação policial pode ser um ninho de fontes esquecidas, mas preciosas” (Fortes, 2005, p.30).

Uma boa apuração é, de fato, demorada, e um jornalista investigativo precisa, mais do que nunca, de **paciência e concentração** ao analisar as centenas de documentos, dados e estatísticas. Visto que, na maioria das vezes, não é apenas uma fonte, ou um documento que nos traz a resposta, mas sim o cruzamento dessas informações que nos leva a algum lugar para dar prosseguimento na investigação.

Fortes (2005) ainda ressalta que um bom jornalista investigativo precisa de **insistência e perseverança**, seja a partir da própria intuição, seja a partir de outras informações. O repórter precisa sentir o “cheiro da notícia”, e para que isso aconteça, o profissional não pode esperar a colaboração de quem estiver sendo investigado, visto que as informações passadas por eles ou até mesmo assessores de imprensa são construídas para salvaguardar o assessorado e por isso precisam ser checadas com cuidado e atenção. Partindo desse ponto, é de suma importância que o profissional trate a **checagem das informações** como regra, já que essa é uma etapa crucial do bom jornalismo.

O quinto ponto que Fortes (2005) destaca é a **curiosidade e a desconfiança**, características que sempre devem andar juntas com a **discrição** em uma cobertura jornalística. O movimento silencioso de um bom repórter pode ser, em muitos casos, a chave para uma reportagem de sucesso.

Princípios pessoais, religiosos e ideológicos nunca devem definir o rumo de uma apuração. Para uma boa apuração, é necessário **frieza, objetividade e precisão**. Todos esses elementos reunidos são fundamentais para a construção de uma boa reportagem investigativa.

Fortes (2005) destaca que toda análise minuciosa de documentos em uma construção de reportagem investigativa necessita de muito cuidado, visto que, em vários momentos, estes dados podem esconder alguns detalhes técnicos que um jornalista não é capaz de interpretar naquele momento. Por esse motivo, é de suma importância que nós, profissionais de comunicação, busquemos orientação de quem entende do assunto, um repórter ainda mais experiente, com outro olhar, e claro, um profissional da área a ser estudada.

O jornalismo investigativo nos permite abordar uma grande gama de assuntos, presentes em diversas editorias e, por isso, definir essa modalidade de forma genérica é, de fato, um grande desafio. Seja nas editorias de política, economia, saúde ou esportes, esse é um nicho que demanda métodos minuciosos de pesquisa, checagem e recheagem de informações a fim de cativar o interesse público.

Em relação à construção e ao desenvolvimento de uma reportagem, Nilson Lage (2001) também ressalta esses pilares fundamentais dentro do jornalismo, principalmente, o investigativo, tema central deste capítulo. Para Lage, é necessário um compromisso especial

com a precisão, verificação, apuração e acesso a fontes dentro desse espectro jornalístico, ao divulgar casos de interesse público, ressaltando o compromisso com a sociedade desde a apuração até a construção da narrativa, que desde o início, precisa ser clara e transparente, de modo que consiga envolver o público que a acompanha, mantendo-o interessado durante toda a reportagem, por mais complexo que o material possa ser.

O jornalismo investigativo, como conhecemos hoje, se consolidou como uma prática essencial para a democracia ao longo do século XX. Um dos casos mais emblemáticos da história do jornalismo investigativo foi a cobertura do caso Watergate, nos Estados Unidos, na figura de Bob Woodward e Carl Bernstein, repórteres do *The Washington Post*.

Esse ofício, que tem por característica a busca profunda por informações, na maioria das vezes ocultadas pelos poderes públicos e privados, tem como principal compromisso e cerne de atuação a busca incessante pela verdade, sempre prezando pela transparência e clareza na divulgação dos fatos, sendo fundamental nos contextos políticos como o estadunidense à época da reportagem investigativa de Woodward e Bernstein.

O escândalo de Watergate teve início em 1972, quando cinco homens foram presos após invadirem a sede do Partido Democrata, localizada no edifício Watergate, em Washington, D.C. O que, a princípio, parecia um caso isolado de espionagem, revelou-se um esquema abrangente de corrupção e abuso de poder, envolvendo a administração do então presidente Richard Nixon.

No dia 17 de junho de 1972, cinco homens foram detidos por invadirem a sede do Comitê do Partido Democrata, no edifício Watergate, em Washington. O grupo pretendia instalar um grampo telefônico e usar as informações obtidas para ajudar a reeleger o republicano Richard Nixon. Embora a Casa Branca declarasse que desconhecia o fato, as explosivas reportagens dos jornalistas Bob Woodward e Carl Bernstein, do *Washington Post*, comprovaram o envolvimento do presidente e seus assessores no caso. (Memória Globo, 2021)

Guiados por informações de uma fonte confidencial, conhecida como *Deep Throat*, Woodward e Bernstein começaram a conectar os pontos entre os invasores e figuras de alto escalão do governo Nixon. Utilizando algumas das técnicas clássicas de jornalismo investigativo já supracitadas, eles expuseram uma rede de espionagem política, sabotagem eleitoral e tentativa de obstrução da justiça.

Essas reportagens culminaram em um efeito dominó, com as renúncias de altos funcionários do governo, investigações parlamentares e, finalmente, a renúncia de Nixon em 1974, marcando a primeira vez na história americana que um presidente deixou o cargo antes

do término de seu mandato. Esse episódio revelou como a apuração jornalística pode atuar como um contrapeso fundamental em democracias frágeis (Kovach & Rosenstiel, 2003).

Para Traquina (2005), o caso Watergate marcou a importância do jornalismo investigativo na democracia, como um pilar fundamental desta, e reforçou a necessidade de proteger a independência das redações e a liberdade de imprensa. Além disso, elevou o padrão do jornalismo, evidenciando a necessidade de rigor, ética e persistência no processo investigativo. O caso reportado por Woodward e Bernstein inspirou uma nova geração de jornalistas, mostrando que reportagens detalhadas e fundamentadas têm o poder de transformar sociedades e responsabilizar aqueles que abusam do poder.

No Brasil, o caso Watergate foi uma referência importante, especialmente em períodos de autoritarismo e repressão. Coberturas investigativas marcantes, como as denúncias do Jornal do Brasil durante a ditadura militar e, mais recentemente, a operação Lava Jato, demonstram a influência de práticas jornalísticas investigativas globais na mídia brasileira (Briggs & Burke, 2004).

No entanto, Watergate não foi um marco apenas para o contexto do jornalismo político investigativo, mas também um divisor de águas no ato de fazer jornalismo em todo o mundo. O fato consolidou a ideia de que a verdade é uma das ferramentas mais poderosas para a mudança social e que o jornalismo investigativo tem um papel fundamental na construção de uma sociedade mais justa e transparente.

Ao longo desta monografia, conseguiremos observar, de forma prática, as mudanças dentro do contexto do jornalismo esportivo, e a inserção de modelos e práticas comuns da apuração minuciosa de outras vertentes jornalísticas, como a investigação. Nesse processo, como dito anteriormente, a Revista Placar ganha notoriedade com uma das grandes reportagens que definiram os rumos desse novo segmento, como a já supracitada cobertura da “Máfia da Loteria Esportiva”, na década de 80, e a “Máfia do Apito”, nos anos 2000. É dessa vertente, que surgem nomes que são fundamentais para os estudos e pesquisas desta monografia, como a repórter do Grupo Globo Gabriela Moreira, grande fã dos conteúdos realizados pelos jornalistas da revista durante a sua formação como comunicadora e que ao longo do tempo, foram se moldando com base nos estudos e trabalhos dessa vertente de profissionais esportivos.

Em relação ao critério de novidade, elencado por Traquina (2005), observa-se que as reportagens destacam o ineditismo de alguns fatos, assim como observamos no decorrer dos próximos capítulos com a apuração jornalística por parte dos repórteres Rodrigo Capelo e

Gabriela Moreira para a produção da reportagem especial do Fantástico, exibida em 26 de maio de 2019.

### **2.3 Jornalismo Esportivo Investigativo**

No jornalismo esportivo, o desenvolvimento do espectro de investigação minuciosa e detalhada muito se mistura com o surgimento de um dos principais veículos de comunicação das últimas décadas, que moldou centenas de profissionais e reacendeu o sonho de muitos jovens a seguirem na área da comunicação, a Revista Placar.

Lançada em 1970 pela editora Abril, a Placar foi uma das primeiras revistas a ir além do óbvio e factual. A revista se consolidou ao longo dos anos como um dos únicos veículos de comunicação a explorar os bastidores do esporte, ressaltando sua importância dentro da sociedade como um todo, perpassando por diversos setores como política e economia.

Dentro desse contexto, a revista foi pioneira ao lidar com grandes coberturas investigativas, que demandam apurações minuciosas e a busca incessante por informações sigilosas e irregulares por parte de órgãos públicos, entidades importantes do esporte, atletas e demais profissionais do meio esportivo, e que ganharam grande projeção internacional por conta da riqueza de detalhes e o trabalho exímio por profissionais que lá passaram.

Como já abordado no decorrer desse capítulo, a Máfia da Loteria, um dos primeiros escândalos do futebol brasileiro a ser investigado de forma meticulosa e detalhada, trouxe à tona depoimentos, documentos da Caixa Econômica Federal e outras dezenas de análises que comprovaram a manipulação dos sorteios da CEF, e serviu como força motriz de novas reportagens dentro da própria *Placar*, como observaremos a seguir. O caso, reportado por Sérgio Martins, expôs diversas falhas na loteria esportiva brasileira à época, desvendando etapas da operação e sendo peça fundamental em mudanças na legislação para proporcionar mais transparência entre as operações da loteria da Caixa.

O caso ganhou relevância quando Ronaldo Kotscho, fotógrafo da Placar, ouviu falar sobre supostos aliciamentos de jogadores para entregarem resultados. Com essa informação inicial, Sérgio Martins se aprofundou na apuração e viajou o Brasil em busca de uma conexão ainda mais completa sobre o esquema de manipulação esportiva que abalaria as estruturas do futebol nacional. De acordo com Elder Dias, “a Máfia da Loteria Esportiva chegou à Placar um ano antes da publicação da matéria e, em outubro de 1982 (...) Sérgio esquadrinhou quadrilha a quadrilha- eram várias atuando em conluio” (Dias, 2023).

Durante o processo de apuração, Martins enfrentou ameaças por parte dos envolvidos no esquema e resistência interna na própria redação. No entanto, o editor-chefe da Placar à época, Juca Kfoury, deu respaldo ao repórter para seguir a apuração sobre a ainda suposta “Máfia da Loteria Esportiva”. Quando publicado, o trabalho de Sérgio Martins se tornou um grande marco para o jornalismo esportivo, evidenciando um dos maiores esquemas do esporte nacional e também consolidando a, ainda recente Revista Placar, como um dos veículos mais consolidados do país.

Em 22 de outubro de 1982, a Placar nº 648 trouxe uma reportagem com capa e 12 páginas de denúncias, envolvendo 125 pessoas no esquema de manipulação de resultados da Loteria Esportiva, entre elas, figuras bastante conhecidas, como "o lateral Marco Antônio, que foi reserva de Everaldo na Copa de 70, e o atacante Amarildo, substituto de Pelé na Copa de 62". A revista seguiu repercutindo e aprofundando o escândalo, enquanto o Jornal Nacional dedicava sua cobertura ao tema todas as noites. Apesar de toda a repercussão, "a investigação durou três anos e o caso foi encerrado com somente 20 pessoas indiciadas, e todas escaparam de condenação" (Dias, 2023)

Após 23 anos da veiculação da "Máfia da Loteria Esportiva", do repórter Sérgio Martins, a Revista Placar ganha destaque novamente no jornalismo investigativo esportivo, mais especificamente, o futebol, e desta vez com a Máfia do Apito. Embora tenha sido veiculado inicialmente pela Revista Veja, com o repórter André Rizek, a Placar, também na figura do jornalista, elaborou um dossiê contendo as principais informações sobre as manipulações de resultados em partidas dos Campeonatos Paulista, Brasileiro A e B, copas Libertadores e Sulamericana.

Um dos maiores escândalos de manipulação de resultados da história do futebol brasileiro envolvendo árbitros, jogadores e dirigentes, culminou com a prisão de vários envolvidos, bem como a repetição de 11 partidas do torneio, o que promoveu diversas mudanças na tabela ao fim do campeonato.

A investigação revelou que os árbitros Edílson Pereira de Carvalho e Paulo José Danelon estavam interferindo nas partidas em que vinham sendo escalados com o objetivo de beneficiar um grupo de apostadores, liderado por Nagib Fayad, que tinha o objetivo de manipular as partidas em benefício próprio, recompensando os envolvidos com quantias consideráveis após as partidas, cerca de R\$10 mil por jogo.

Segundo André Rizek, responsável pela reportagem que revelou o esquema da Máfia do Apito, a apuração começou após o recebimento de uma denúncia em áudio por Thaís

Oyama, chefe do repórter na *Veja*, sobre possíveis manipulações de resultado no campeonato paulista de 2005.

Ela me deu a ordem para ir atrás. A fonte queria conversar comigo e entregar o material. Eu fui à cidade em que ela (a fonte) morava e ela me mostrou a gravação. Era a gravação de um árbitro, Paulo José Danelon, dando justificativas ao empresário Nagib Fayad, chefe do esquema, ele havia sido pago para garantir a vitória do Santos sobre o Guarani, e não conseguiu. Ele argumentou que fez tudo que podia no jogo, mas não conseguiu garantir o resultado. Isso aconteceu várias vezes com o Edilson (Pereira de Carvalho, ex-árbitro). Esse é o motivo que leva o Danelon a trazer o Edilson para o grupo, ele tinha que correr atrás do prejuízo (Rizek, 2023).

A Polícia Federal, ciente das denúncias de manipulação, interceptou ligações telefônicas com o objetivo de desmascarar o esquema de Fayad, Edilson Pereira de Carvalho e Paulo José Danelon. O primeiro ponto chave desta investigação partiu justamente de uma interação entre Danelon e Nagib Fayad, o Gibão, que apesar do esforço, não conseguiu manipular o resultado de uma partida. A gravação evidenciou como era tratada a negociação entre os envolvidos e facilitou a busca pelos principais nomes do esquema.

O escândalo da Máfia do Apito expôs dezenas de vulnerabilidades no universo desportivo no Brasil e afetou, assim como a “Máfia da Loteria Esportiva”, a confiança do público, gerando questões judiciais e uma grande mudança no cenário dos campeonatos nacionais em 2005. Esse caso evidenciou a necessidade de mais controle sobre a arbitragem nacional e um melhor relacionamento entre os órgãos esportivos e de justiça com o objetivo de amenizar este problema.

O, hoje, apresentador do programa esportivo *Redação SporTV*, do canal fechado do Grupo Globo foi o responsável pela produção do dossiê que desvendou um dos maiores escândalos do futebol brasileiro e que levou à anulação de 11 jogos apitados por Edilson Pereira de Carvalho.

No dia 23 de setembro de 2005 a revista *Veja*, uma das publicações mais famosas do Brasil, deu a conhecer uma notícia que viraria o maior escândalo dos últimos tempos para o futebol brasileiro. A reportagem revelou que existia um esquema de manipulação de resultados futebolísticos que tinha sido descoberto pelos Promotores de Justiça de Combate ao Crime Organizado com a Polícia Federal, na cidade de São Paulo” (Ludopédio, 2020)

A apuração de André Rizek foi árdua, extensa e o credenciou como um dos principais jornalistas do país, com destaque e protagonismo que permanecem até hoje, 19 anos após o escândalo. A partir daí, pode-se pensar e refletir sobre o papel do jornalismo investigativo no

esporte, especialmente ao considerar os critérios de noticiabilidade, que são fundamentais para a produção de materiais desse quilate e com esse primor jornalístico.

No caso da Máfia do Apito, a denúncia sobre fraudes em arbitragens se alinha com a necessidade de alertar a sociedade para práticas ilegais e antiéticas no esporte, uma questão de enorme repercussão. O jornalismo investigativo, ao ponderar esses critérios, não apenas se aprofunda nos fatos, mas também serve como instrumento de controle social, questionando e promovendo a transparência em temas de grande impacto, como a manipulação de resultados e a corrupção no futebol (Traquina, 2005).

A partir desses casos marcantes surgem novas vertentes dentro do universo “Jornalismo Esportivo Investigativo”, servindo de inspiração para novos repórteres, como Capelo e Moreira, responsáveis pela produção da reportagem “Um Gigante em Crise” sobre a investigação das fraudes do Cruzeiro Esporte Clube em 2019. A crise institucional que se instaurou no clube mineiro eclodiu sob comando dos dirigentes Wagner Pires de Sá e Itair Machado, mas tem raízes históricas anteriores, bem como será retratado no decorrer do próximo capítulo.

### **3 - CRUZEIRO ESPORTE CLUBE**

#### **3.1 A história do Cruzeiro Esporte Clube**

Fundado em 1921 por imigrantes italianos, a Sociedade Esportiva Palestra Itália recebeu o nome de Cruzeiro Esporte Clube em 1942, em virtude da Segunda Guerra Mundial. O governo de Getúlio Vargas baixou, em 31 de Agosto de 1942, uma lei que proibia referências às nações inimigas no Brasil, neste caso, os países do Eixo, formados por Alemanha, Itália e Japão.

Sendo obrigado a se desfazer de seu primeiro nome e de suas cores iniciais, o clube passaria por intensas discussões naquele mesmo ano para aprovar mudanças em seu estatuto. Em seu site oficial, o Cruzeiro deixa claro que foram precisos longos meses para a mudança. Em 1942, com a entrada do Brasil na 2ª Guerra Mundial, um decreto proibiu o uso de termos e símbolos que remetesse aos países do Eixo. Desta forma, em 7 de outubro, sob muita discussão dos conselheiros e diretores, foi decidido que o clube passaria a se chamar Cruzeiro Esporte Clube, adotando como símbolo a constelação do Cruzeiro do Sul - afirma o clube. (Gomes, 2024)

O clube começa a ganhar notoriedade nacional na década de 60. Com a construção do Mineirão, em 1965, o Cruzeiro - assim como o seu rival, Atlético Mineiro - perde a característica de clube regional e começa a ganhar projeção fora dos limites geográficos de

Minas Gerais, competindo com os grandes do eixo Rio-São Paulo na busca pelo Campeonato Brasileiro.

A primeira grande conquista do clube aconteceu no ano seguinte, em 1966, com a conquista da Taça Brasil, ao derrotar o Santos Futebol Clube na decisão, o melhor time da década, que contava com craques de renome internacional como Coutinho, Pepe e Édson Arantes do Nascimento, o Pelé. Dos 22 times que iniciaram a competição, a *Raposa* - alcunhada pelo artista plástico mineiro Fernando Piruccetti, o Mangabeira, na década de 40 que se inspirou na astúcia e rapidez do presidente Mário Grosso para fechar as negociações com os jogadores - enfrentou três até chegar a grande decisão com o alvinegro praiano.

Na primeira fase, o Cruzeiro derrotou o Americano, Clube de Campos dos Goytacazes, no interior do Rio de Janeiro, goleando o adversário nas duas partidas. 4x0 fora de casa e 6x1 no Mineirão. Na fase seguinte, nas quartas de final, vitória diante do Grêmio de Porto Alegre, com um empate no jogo de ida no Estádio Olímpico por 0x0 e vitória no Mineirão por 2x1.

O último desafio antes da final foi diante de outro clube carioca, desta vez da capital. O Fluminense. Mais uma vez, duas vitórias contra os cariocas. 1x0 em Minas Gerais e 3x1 no Maracanã. Sob comando de Dirceu Lopes, Tostão e Piazza, o Cruzeiro chegava à decisão como sensação do campeonato diante do principal campeão da década, o Santos bicampeão da Libertadores e Mundial, e que contava com a base da seleção brasileira campeã do mundo em 1962.

A final da Taça Brasil de 1966, marcou história no futebol brasileiro, com o Cruzeiro superando o Santos de Pelé. No primeiro jogo, o time mineiro goleou por 6 a 2 em Belo Horizonte, dominando completamente a partida, enquanto Pelé foi expulso após um confronto com Procópio Cardozo. No segundo jogo, o Santos abriu 2 a 0, mas o Cruzeiro virou para 3 a 2, garantindo seu primeiro título nacional e encerrando a hegemonia santista. (ESPORTE NEWS MUNDO, 2022).

O título do Cruzeiro rendeu reconhecimento Brasil afora como o primeiro clube mineiro a se sagrar campeão nacional, já que o Atlético Mineiro se tornou Campeão Brasileiro apenas 5 anos depois, em 1971.

Figura 1 - Jornal da época noticiando título nacional do Cruzeiro diante do Santos, em 1966.

# Cruzeiro vence Santos e leva a Taça Brasil

Depois de estar em desvantagem por 2 a 0 no primeiro tempo, o Cruzeiro, de Belo Horizonte, reagiu na fase final para vencer o Santos por 3 a 2 e conquistar o título da VIII Taça Brasil, entre à noite, no Pacembu, na segunda partida da série melhor de 3. O quadro mudou completamente a sua vitória por 6 a 2, no primeiro jogo, no Estádio Minas Gerais, e as esperanças de que surge como nova força do futebol brasileiro, aproveitando-se do declínio do Santos, que teve interrompida uma série de 5 vitórias consecutivas no

certame nacional. É o segundo título conquistado em uma semana pelo Cruzeiro, que no sábado venceu o bi-campeão do ano Estrela.

O Santos foi melhor no primeiro tempo e conseguiu os dois gols em 24 minutos: Pelé abriu a conta-gols aos 22 e Toninho aumentou aos 24. Na etapa final, os santistas caíram de rendimento, o Cruzeiro assumiu o comando das ações e chegou à vitória: Toninho marcou aos 16; Dirceni Lopes empatou aos 27 e Natal obteve o gol da vitória aos 43 minutos. O domínio

mínimo evidenciava-se desde o início da 2ª etapa e já aos 12 minutos tiveram a seu favor uma penalidade máxima que Toninho cobrou e Claudio defendeu.

**CRUZEIRO** — Rauli, Pedro Paulo, William, Fredericchio e Neri; Piazini e Dirceni Lopes; Natal, Toninho, Eválio e Hélio Oliveira.

**SANTOS** — Claudio; Lima, Oberdi, Haroldo e Ze Carlos; Zito e Mengalví; Amarely (Dorval), Toninho, Pelé e Edú.

Join, Armando Marquet, Renda, Cr\$ 65.146.000.

**No 1.º tempo, Santos desperdiça**

O Santos estabeleceu a totalidade dos seus ataques e conseguiu de 1 a 0 na primeira etapa e pôde ir aumentando a vantagem até dominar que acabou a partida aproveitando períodos de dois quadros consecutivos.

Tudo o que aconteceu, o Santos aproveitou a falta de defesa do Cruzeiro e conseguiu marcar dois gols em 24 minutos. Pelé abriu a conta-gols aos 22 e Toninho aumentou aos 24. Na etapa final, os santistas caíram de rendimento, o Cruzeiro assumiu o comando das ações e chegou à vitória: Toninho marcou aos 16; Dirceni Lopes empatou aos 27 e Natal obteve o gol da vitória aos 43 minutos. O domínio

Com Pelé e Toninho jogando no ataque e o meio-médio de campo praticamente a toda da hora, os dois jogadores tiveram um trabalho facilitado no início da partida e ao fim do primeiro tempo o Cruzeiro estava a gol. Pelé marcou a primeira etapa da vitória e Toninho marcou a segunda etapa da vitória. Aos 12 minutos, o Santos marcou o primeiro gol da partida, mas não conseguiu marcar mais nenhum gol. Aos 27 minutos, o Santos marcou o segundo gol da partida, mas não conseguiu marcar mais nenhum gol.

**1 a 0 — Pelé — 22 minutos — Santos vence.**



**No 2.º tempo, o Cruzeiro reage**

O Cruzeiro reagiu e marcou o primeiro gol da partida aos 16 minutos. Toninho marcou o primeiro gol da partida e Dirceni Lopes marcou o segundo gol da partida. Aos 27 minutos, o Cruzeiro marcou o terceiro gol da partida, mas não conseguiu marcar mais nenhum gol.

**1 a 2 — Toninho — 16 — Dirceni Lopes — 27 — Cruzeiro vence.**

**No 2.º tempo, Santos desperdiça**

O Santos desperdiçou a oportunidade de marcar mais gols e acabou a partida sem conseguir marcar mais nenhum gol.

**1 a 2 — Toninho — 16 — Dirceni Lopes — 27 — Cruzeiro vence.**

Após a conquista da Taça Brasil de 1966, o Cruzeiro continuou ganhando notoriedade e foi, aos poucos, se tornando uma das principais referências entre instituições esportivas fora dos grandes centros esportivos de Rio de Janeiro e São Paulo. Logo nos primeiros anos da década de 70, um grande passo que elevou o nível do clube, sendo vanguarda no país: A construção da Toca da Raposa I, em 1973.

O Cruzeiro inovou ao construir a Toca da Raposa I, um centro de treinamento pioneiro no Brasil, inaugurado em Belo Horizonte. Localizado na orla da Lagoa da Pampulha, o espaço ocupava 60 mil metros quadrados e possuía infraestrutura avançada para a época, incluindo campos de futebol, piscina, biblioteca, cinema e áreas de lazer. A estrutura tornou-se referência nacional, sendo utilizada até pela Seleção Brasileira nas preparações para as Copas do Mundo de 1982 e 1986 (Madureira, 2023).

**Figura 2** - Inauguração da Toca da Raposa I, com solenidade e placa de homenagem ao presidente Felício Brandi. (*Estado de Minas*, Reprodução).



Pelo Campeonato Brasileiro, o Cruzeiro conseguiu se manter por um longo período na briga pela taça, sendo vice-campeão em três edições entre as décadas de 60 e 70. A primeira vez, em 1969, diante do Palmeiras e posteriormente, contra Vasco da Gama e Internacional, em 1974 e 1975, respectivamente.

Nos anos seguintes, a equipe conseguiu manter um alto desempenho até chegar a primeira grande glória internacional do clube, em 1976, com a primeira conquista da Copa Libertadores da América, ao vencer o River Plate na decisão no jogo desempate, em Santiago, no Chile.

A vitória na final contra o River Plate, que terminou em 3 a 2, foi marcada por momentos de grande emoção, incluindo o gol de pênalti de Nelinho e as atuações de Eduardo e Joãozinho. A tragédia da morte de Roberto Batata, peça importante da campanha, vítima de um acidente de carro, tornou ainda mais especial o título, que foi erguido em sua homenagem pelos companheiros de equipe. Segundo o Estado de Minas, "a promessa cumprida: a taça de Roberto Batata". (Damasceno, 2018).

Com um desempenho impressionante na edição do torneio continental com expressivas 11 vitórias, um empate e apenas uma derrota, marcando 47 gols e sofrendo

apenas 16 em 13 jogos, o Cruzeiro Esporte Clube consagrou-se como o primeiro time mineiro e o segundo do Brasil a conquistar o tão sonhado título sul-americano. A conquista foi assim narrada pelo jornal O Estado de Minas:

Quando ele (o árbitro chileno Alberto Martínez) apitou pela última vez, eram 23h49 da noite em BH e uma explosão de alegria tomou conta da cidade: carros buzinando, foguetes estourando, bares cheios, gente saindo de casa para comemorar, um carnaval que rompeu pela madrugada adentro (Damasceno, 2018).

No mesmo ano, a equipe disputou pela primeira vez o Torneio Intercontinental, promovido pela empresa automobilística Toyota, que reunia os campeões da América do Sul e Europa. No ano em questão, o Cruzeiro enfrentou o Bayern de Munique, comandado por Gerd Müller e Franz Beckenbauer, principais nomes da Alemanha campeã do mundo dois anos antes, em 1974.

No primeiro jogo, na Alemanha, o Bayern venceu o Cruzeiro por 2x0 e levou a vantagem para o jogo de volta, em Belo Horizonte. No Mineirão, mais de 120 mil torcedores lotaram as arquibancadas do “Gigante da Pampulha”, na busca de uma virada histórica. O que não aconteceu. Os alemães conseguiram segurar o 0x0 e se sagraram campeões do mundo.

No ano seguinte, em 1977, a Raposa ainda consegue manter o ímpeto do ano anterior e consegue mais uma ótima campanha na Copa Libertadores da América, no entanto é derrotado na decisão para o Boca Juniors e fica com o vice-campeonato.

Campeão no ano anterior, o Cruzeiro perdeu a partida de ida, na Bombonera, por 1 a 0. Na volta, devolveu o placar, no Mineirão, com gol de falta do lateral-direito Nelinho, aos 33min do segundo tempo. No terceiro duelo, no Estádio Centenário de Montevidéu, houve empate sem gols. Nos pênaltis, o Boca venceu por 5 a 4 e conquistou o primeiro título. O curioso é que na primeira cobrança argentina, o zagueiro Mouzo chutou a bola na trave. O árbitro venezuelano Vicente Llobregat mandou voltar o lance, alegando que Raul, goleiro do Cruzeiro, se adiantou. Tal decisão foi bastante questionada pelos atletas celestes. (Arruda, 2018)

O fim da década de 70 marca o início de um período extremamente complicado para a equipe de Belo Horizonte, que começa a entrar em crise financeira e montar elencos mais modestos, até o fim da década de 80. Dentro desse recorte, a equipe fez campanhas medianas no Campeonato Brasileiro e venceu o estadual em apenas duas oportunidades. 1984 e 1987.

Durante esse período sendo coadjuvante nas principais competições do país, a Raposa teve como sua principal fonte de receita a venda de jogadores para o futebol estrangeiro,

como a saída de Reinaldo para o Hacken-SUE, em 1987, e Geraldão e Douglas para o futebol português, em 1988. Outro fator importante nas receitas do Cruzeiro no fim da década aconteceu em virtude dos pagamentos das cotas de TV, que começaram a ser distribuídas aos clubes na Copa União de 1987.

Em crise, a Confederação Brasileira de Futebol<sup>1</sup> (CBF), não tinha condições, inicialmente, de organizar o Campeonato Brasileiro daquele ano, e por esse motivo, a criação da Copa União foi idealizada pelo Clube dos 13 – grupo criado pelos principais clubes do futebol brasileiro, com o objetivo de organizar a Copa União, fortalecer a representatividade dos clubes e negociar diretamente direitos televisivos e a distribuição de receitas, desafiando a gestão centralizada da CBF.

O Clube dos 13 queria organizar o seu torneio no Módulo Verde, baseado no potencial mercadológico e popular inquestionáveis que seus 16 integrantes tinham. Mas de nada adiantaria aquela vontade sem dinheiro – e esse fato, somado à pressão da CBF, já fazia com que alguns integrantes pensassem seriamente em desistir do torneio. Havia um montante necessário: US\$ 1 milhão. Sem esse montante, nada de campeonato do Clube dos 13" (Souza, 2019)

A criação do bloco foi profundamente influenciada pela necessidade de apoio financeiro para viabilizar o torneio. Diante de um contexto em que muitos dirigentes ainda viam a televisão como uma ameaça à presença de público nos estádios, foi necessária uma estratégia de divulgação pública para neutralizar críticas e conquistar parcerias, incluindo emissoras como Globo, Manchete e Bandeirantes. Nesse cenário, João Henrique Areias, vice-presidente de marketing do Flamengo, e Celso Grellet, diretor de marketing do São Paulo, lideraram as negociações com a televisão, apostando no potencial do futebol como uma paixão nacional e uma oportunidade de recuperação do esporte no Brasil.

O período de reestruturação do clube, longe dos holofotes e da briga por títulos foi sofrida para os torcedores, mas extremamente necessária. Após as “vacas magras” da década de 80, o Cruzeiro se preparava para viver o período mais glorioso de sua história, a década de 90, sob comando de César Masci, no retorno aos títulos continentais e os irmãos Alvimar e

---

<sup>1</sup> Em 1987, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) enfrentava uma grave crise financeira e administrativa, agravada pelo inchaço do Campeonato Brasileiro do ano anterior. Sem condições de organizar a edição daquele ano, a entidade delegou a responsabilidade aos clubes, que fundaram o Clube dos 13 para estruturar a competição. A Copa União foi idealizada com dois módulos (Verde e Amarelo), mas a proposta da CBF de um cruzamento final entre os campeões de cada módulo não foi aceita pelos clubes do Módulo Verde. O impasse gerou uma das maiores disputas políticas da história do futebol brasileiro, que perdura até hoje na definição oficial do campeão de 1987.

Zezé Perrella, na segunda metade da década, conhecida por todos como a Era de Ouro do Cruzeiro Esporte Clube.

Na última década do século XX, o Cruzeiro conquistou 13 títulos no total, credenciando os anos 90 como o período mais vitorioso da história do clube, com 5 títulos internacionais, como a Copa Libertadores, em 1997, Supercopa Libertadores, em 1991 e 1992, Recopa Sul Americana, 1998, e Copa Master da Supercopa em 1995. No cenário nacional, a Raposa conquistou 2 Copas do Brasil, em 1993 e 1996, que foram fundamentais para colocar o Cruzeiro como o maior campeão da competição. As outras 6 conquistas foram os campeonatos estaduais nos anos de 1990, 1992, 1994, 1996, 1997 e 1998, que deixaram o clube mais próximo do maior campeão do estado, o rival Atlético Mineiro.

### **3.2 A Queda: O Caminho do Cruzeiro até a crise política e institucional em 2019**

Apesar da grande crise econômica e institucional do Cruzeiro Esporte Clube ter eclodido em 2019, os problemas dentro da Toca da Raposa II são longos e de outras gestões. Ao longo deste capítulo descreveremos brevemente os principais pontos que levaram o clube à beira da falência após a queda para a segunda divisão ao fim de 2019, a começar com o nepotismo dos irmãos Perrella no início dos anos 2000, o modo autoritário, arrogante e em alguns momentos, imprudente (e vencedor) do início do século que era moda entre os dirigentes do Brasil, a imprudência financeira das gestões de Gilvan de Pinho Tavares e, claro, o caos administrativo de Wagner Pires de Sá e Itair Machado.

Ao longo deste capítulo podemos observar a ascensão e queda do clube: Como o Cruzeiro mudou de um clube referência para um exemplo a não ser seguido e como as gestões do clube, no século XXI, fizeram parte da derrocada azul ao fim de 2019.

**Tabela 1 - Lista de Presidentes do Cruzeiro entre 1995 e 2023:**

ANO	PRESIDENTE
1995 - 2002	Zezé Perrella
2003-2008	Alvimar Perrella
2009-2011	Zezé Perrella
2012-2017	Gilvan de Pinho Tavares
2018 - 2019	Wagner Pires de Sá

2019-2020	José Dalai Rocha
2020 - 2023	Sérgio Santos Rodrigues

Fonte: Cruzeiro Esporte Clube

Além de Alvimar e Zezé, vários outros clubes se viam representados por dirigentes com uma imagem autoritária e ao mesmo tempo, imponente, que batia de frente com os grandes veículos de mídia, exemplificada na figura da Rede Globo de Televisão - inimiga comum de todos eles - no intuito de sobressair a imagem do clube. No Vasco da Gama, Eurico Miranda, foi o nome forte do futebol por mais de três décadas. No Corinthians, Kia Joorabchian; no Flamengo, Márcio Braga; e no Athletico Paranaense, Mário Celso Petraglia.

O primeiro ano da gestão dos irmãos Perrella, no Cruzeiro, começou em 1995, com Zezé. Como característica, os mandatos traziam grandes conquistas ao clube, mas ao mesmo tempo, dívidas, ainda que pequenas em um primeiro momento. Para abater o rombo, o principal mecanismo de Zezé e Alvimar era a venda de atletas para o futebol europeu, como forma de recuperar o dinheiro investido nas temporadas.

Ao todo, com Zezé Perrella e Alvimar à frente da Raposa foram 22 títulos conquistados para a galeria celeste, dentre os mais relevantes, a Copa Libertadores de 1997, as Copas do Brasil de 1996, 2000 e 2003, e o Campeonato Brasileiro de 2003. Além disso, a dupla colecionou grandes vendas de grandes atletas ao futebol europeu, que proporcionaram em certo momento, um superávit para montar novos elencos vencedores nas temporadas seguintes.

**Tabela 2 - 10 Maiores vendas do Cruzeiro na Era Perrella:**

<b>Jogador</b>	<b>Clube de Destino</b>	<b>Temporada</b>	<b>Valor</b>
Geovanni	Barcelona - ESP	2001/02	20 milhões de euros
Fred	Lyon - FRA	2005/06	15,60 milhões de euros
Fábio Júnior	Roma - ITA	1998/99	13,80 milhões de euros
Wagner	Al-Ittihad - SAU	2006/07	9 milhões de euros
Alex	Parma - ITA	2001/02	8 milhões de euros
Alex Alves	Hertha Berlim - ALE	1999/00	7.60 milhões de euros
Ramires	Benfica - POR	2009/10	7,50 milhões de euros

Evanilson	Borussia Dortmund - ALE	1999/00	6,50 milhões de euros
Wagner	Lokomotiv Moscou - RUS	2009/10	6 milhões de euros
Palhinha	Mallorca - ESP	1997/98	6 milhões de euros

Fonte: Transfermarkt

Durante esse período, o Cruzeiro também passou por um momento de estruturação com a construção de mais um centro de treinamentos, a Toca da Raposa II, inaugurada em março de 2002 e a sede administrativa do clube, no Barro Preto. Todo esse processo, somado à sequência de conquistas da equipe de Belo Horizonte, foram credenciando o Cruzeiro a um dos maiores clubes do continente sul-americano, notadamente reconhecido pelas suas conquistas e pela qualidade de trabalho oferecida aos jogadores que lá passavam.

Planejado em 1997, o centro de treinamentos do Cruzeiro demorou cerca de cinco anos para ser construído. A inauguração ocorreu em 9 de março de 2002, quando o time, comandado pelo técnico Marco Aurélio, se transferiu para o CT e deixou a Toca 1 para os atletas das divisões de base. Com uma ótima estrutura, que engloba quatro campos gramados, quadra de tênis, campo de areia, moderno departamento médico, hotel com 26 quartos e até uma UTI móvel, a expectativa é que o local receba novos investimentos nos próximos anos" (LANCEPRESS, 2012).

Com Zezé Perrella à frente do Cruzeiro - até 2002 - a equipe de Belo Horizonte viveu os melhores momentos de sua história centenária. Nesse período, a equipe se tornou uma das mais temidas do continente, empilhando taças e ganhando protagonismo nacional e internacionalmente.

O ano de maior glória, no entanto, veio no mandato do irmão, Alvimar, em 2003. O Cruzeiro conquistou o Campeonato Mineiro, o Campeonato Brasileiro e a Copa do Brasil, feito histórico até o momento. No entanto, foi a partir daí que as coisas começaram a desandar no campo, e posteriormente, atingindo o extracampo.

**Figura 3:** Cruzeiro Campeão Brasileiro de 2003. Foto: Paulo Fonseca/AE



Em pé: Artur, Maldonado, Márcio Nobre, Maurinho, Edu Dracena, Cris, Maicon, Thiago e Gomes. Agachados: Wendell, Augusto Recife, Leandro, Sandro, Mota, Felipe Melo, Alex Dias, Zinho e Alex. Foto: Paulo Fonseca/AE

Após 2003, o Cruzeiro foi perdendo a notoriedade na luta por títulos, disputando com frequência, apenas os títulos estaduais. Financeiramente, a “máquina” do futebol ainda parecia rentável. Em 2005, o Cruzeiro fez uma das maiores vendas de sua história, que deu uma sobrevida ao clube após anos de ganância excessiva na montagem de elencos vitoriosos. Frederico Chaves Guedes, o Fred, se transferiu para o Lyon, da França, por cerca de R\$36 milhões de reais e ajudou Alvimar a controlar os gastos, de acordo com os balanços financeiros da época.

Figura 4: Fred foi negociado junto ao Lyon em meados de 2005. Foto: Globoesporte.com

The screenshot shows a news article on the website globoesporte.com. The page header includes navigation tabs for 'NOTÍCIAS', 'ESPORTES', 'ENTRETENIMENTO', 'VÍDEOS', 'ASSINE JÁ', and 'TODOS OS SITES'. The main headline reads 'Cruzeiro vende Fred para o Lyon' with a sub-headline 'Clube francês paga 12 milhões de euros pelo jogador'. The article text, dated Friday, 26/08/2005, reports that the striker Fred is being transferred to Lyon for 12 million euros. It mentions that Fred is currently at Cruzeiro and has 13 goals to his name. The article also includes a quote from Fred: 'A gente está indo para a França amanhã (sábado), para fazer exames médicos e definir tudo. Vamos meter a caneta lá primeiro para tudo. Depois falar que está 100% acertado - declarou Fred, em entrevista à Rádio Itatiaia.' The article concludes with Fred's statement: 'Fica a alegria de jogar em um grande clube, mas fica também a tristeza de largar o grupo, que é como uma família. Espero voltar ao Cruzeiro para tentar conquistar o título que fiquei devendo.'

De modo geral, o ponto de maior destaque desse estudo sobre os mandatos da associação do Cruzeiro Esporte Clube está na última gestão dos irmãos Perrella, quando Zezé retorna ao posto mais importante da política celeste. Conciliando a vida no Cruzeiro com a política nacional, em Brasília, Zezé tinha a missão de voltar a conquistar títulos à frente da Raposa. E chegou bem perto disso, com dois traumáticos vice-campeonatos. Um da Libertadores, em 2009, e outro do Campeonato Brasileiro, em 2010. O ano seguinte, que colocaria fim à era Perrella, foi ainda mais doloroso para o torcedor.

Como já supracitado, as maiores receitas financeiras do Cruzeiro ao longo das gestões de Zezé e Alvimar advinham da transferência de jogadores para o exterior. Essa receita era fundamental para manter as contas equilibradas e contratar novos atletas para a reposição do plantel em busca de títulos. No entanto, as rotineiras transferências de meio do ano - período em que se abria a principal janela de negociações do futebol europeu - sofreu um grande baque em 2010.

De acordo com a reportagem escrita por Bruno Furtado (2010), do Portal Superesportes, o Cruzeiro teve um ano atípico no mercado de transferências e a diretoria já começava a prever dificuldades financeiras para os próximos anos. Dimas Fonseca, Diretor

de Futebol do Clube à época, atribuiu a falta de venda de atletas à crise econômica na Europa, que com toda certeza, afetaria toda a dinâmica dos clubes brasileiros que veem até hoje, a venda de atletas como uma das principais fontes de receita.

A fonte de euros parece ter secado. Um dos campeões de vendas nos últimos anos, o Cruzeiro fechou a janela de transferências para o exterior, nesta terça-feira, dia 31 de agosto, sem negociar sequer um jogador no meio da temporada. Sem contar com essa receita salvadora, antes dada como certa, o clube admite que terá dificuldades para manter as contas em dia até dezembro. Desde a década passada, o Cruzeiro sempre conseguiu fazer bons negócios em junho, julho e agosto, trimestre em que os europeus montam seus elencos. Basta voltar ao mesmo período do ano passado, quando o clube vendeu Ramires (Benfica), Maicon (Porto), Gerson Magrão (Dinamo), Wagner (Lokomotiv) e Zé Eduardo (Ajax)” (Furtado, 2010)

Caminhando para seu último ano à frente do clube, Zezé ainda enxergava com bons olhos o ano de 2011, já que apesar do ponto negativo de não ter conseguido a receita suficiente para a austeridade do clube, a base do time vice-campeão nacional foi mantida e por isso, a equipe se credenciou como uma das favoritas nas conquistas dos títulos nacionais e internacionais.

Em um início promissor, a equipe acabou se transformando em uma das grandes potências da Fase de Grupos do Torneio, recebendo a alcunha de Barcelona das Américas, em referência ao time catalão que fazia sucesso sob comando do técnico Pep Guardiola. No entanto, a euforia durou pouco. A equipe foi eliminada logo na fase seguinte e desde então, a temporada foi de ladeira abaixo, e o clube conseguiu se salvar da queda para a Série B do Campeonato Brasileiro apenas na última rodada, após golear o maior rival, Atlético Mineiro, por 6x1. Terminava a Era dos Perrella no Cruzeiro.

A partir de meados de 2010, começa no Cruzeiro um aumento exponencial das dívidas financeiras do clube graças à diminuição da venda dos atletas para o mercado exterior e a manutenção dos gastos em contratações e permanências de atletas de alto custo, sem que o clube tenha uma estrutura financeira para realizar tal tarefa. O início das dificuldades financeiras já gerava apreensão antes mesmo das divulgações do balanço financeiro.

Aliado aos investimentos que renderam poucos frutos à Raposa nos últimos anos, o Cruzeiro ainda se vê com dificuldades financeiras por conta do ano passado. O balanço oficial do clube ainda não está fechado e divulgado. Mas o LANCENET! apurou que o déficit é de R\$ 47 milhões, sendo mais de 50% acima do previsto pela diretoria em janeiro de 2010. As contas iniciais previam a entrada de cerca de R\$ 50 milhões e a saída de R\$ 80 milhões” (Maia, 2011)

De acordo com o balanço financeiro de 2011 realizado pela Pluri Consultoria, o endividamento do Cruzeiro Esporte Clube saltou de R\$ 85,9 Milhões de Reais em 2006 para R\$ 120,3 Milhões em 2011, valor que só cresce com o decorrer do tempo, como será evidenciado no decorrer dos anos, que serão evidenciados ao longo da monografia.

### **Gestão Gilvan de Pinho Tavares**

No dia 3 de outubro de 2011, Gilvan de Pinho Tavares foi eleito presidente do Cruzeiro pela primeira vez, com mandato se iniciando em 2012 e encerrando em 2014. Gilvan, que à época era vice-presidente de Zezé, venceu com certa tranquilidade seu adversário, o radialista Alberto Rodrigues, com 391 votos contra 48.

O desejo em retomar o protagonismo do fim dos anos 90 e início dos anos 2000 foi um dos grandes pensamentos da nova gestão, apoiada por Zezé Perrella, que havia deixado a direção do clube para focar em sua carreira política no Senado. O discurso, no entanto, era de uma primeira temporada de estabilização, para nos anos subsequentes do mandato, criar um elenco sólido capaz de alçar voos mais altos em busca de retomar o protagonismo.

O ano de 2012 foi conturbado. A equipe celeste, buscando se consolidar financeiramente após os déficits no orçamento das últimas janelas de transferências, onde não conseguiu adquirir a receita prevista com a venda de jogadores, e necessitando remontar o plantel - já que o elenco do ano anterior, quase foi rebaixado para a segunda divisão - precisou tomar medidas mais austeras e de risco, como um alto número de contratações à baixo custo, o que num primeiro momento não deu certo.

No início do ano, ainda com Dimas Fonseca como diretor de futebol, o Cruzeiro trouxe nomes de pouca expressão e que pouco somaram ao clube durante o campeonato estadual e o início do Campeonato Brasileiro. Muitos deles, inclusive, foram embora antes do fim do ano, como Rudnei, Amaral, Gilson e Alex Silva.

Com o desempenho aquém do esperado dentro de campo, Gilvan resolveu se movimentar e realizou a troca no cargo de direção de futebol e na comissão técnica. Na beira do campo, Celso Roth assumiria a vaga de Vagner Mancini, técnico à frente da goleada histórica para cima do maior rival, e no cargo de homem-forte do futebol, Alexandre Mattos assumiria a vaga de Dimas Fonseca, fato que mudou o futuro do clube para os próximos anos.

Buscando retomar, finalmente, o caminho dos títulos, o ano de 2013 foi marcado por mais um ano de “pacotão de reforços”. Desta vez, 19 atletas chegaram a Belo Horizonte para

a temporada, além do novo comandante, Marcelo Oliveira, que mesmo muito identificado com o Atlético, aceitou o desafio proposto por Alexandre Mattos.

Dentro de campo, o Cruzeiro conseguiu vencer os Campeonatos Brasileiro de 2013 e 2014 sob comando de Marcelo Oliveira e a tutela de Alexandre e Gilvan. No entanto, fora de campo, a dívida externa do clube crescia, principalmente quando se trata de gastos com o futebol. De acordo com o balanço financeiro do clube de 2013, realizado pela Pluri Consultoria, a dívida do Cruzeiro com o futebol saltou de 66% para 75% de 2012 para 2013. A partir daí, o rombo só aumentaria e seria o ponto de partida para a derrocada celeste anos depois, em 2019.

Para se manter no alto escalão dos clubes brasileiros, a direção sabia que não poderia perder peças do elenco, de investimento considerável, para continuar buscando títulos. E foi assim que Gilvan e Alexandre decidiram agir para o ano seguinte. Das principais contratações de 2013, nenhum atleta deixou o clube no ano seguinte.

Com isso, a dívida celeste seguia em crescimento, mas no futebol, a equipe continuava competitiva e sendo uma das principais favoritas na conquista de títulos em todas as competições. Pela Libertadores, torneio que a equipe havia disputado pela última vez em 2011, a eliminação veio nas quartas de final, diante do San Lorenzo, campeão daquele ano.

Pela Copa do Brasil, o Cruzeiro foi vice-campeão, sendo derrotado na decisão pelo seu maior rival, Atlético Mineiro. No entanto, paralelo a esses acontecimentos, a Raposa seguia firme na busca pelo tetracampeonato brasileiro, consumado no dia 23 de novembro de 2014, em uma vitória por 2x1 diante do Goiás, na chuvosa Belo Horizonte.

Enquanto a disputa pelo campeonato corria à plenos pulmões, Gilvan de Pinho Tavares lutava pela reeleição no pleito celeste e, no dia 09 de outubro de 2014, o presidente era eleito por aclamação, já que era a única chapa concorrente. Com a vitória, Gilvan se garantiu à frente das decisões do Cruzeiro até o fim de 2017.

Após anos de conquistas, não foi possível manter o elenco vencedor por mais uma temporada. Até o diretor de futebol Alexandre Mattos, que montou o time bicampeão nacional, fez as malas e se transferiu para o Palmeiras. Os principais jogadores do clube, como Ricardo Goulart, Lucas Silva e Éverton Ribeiro foram negociados e o “desmanche” do plantel proporcionou à Raposa o maior faturamento da sua história em 2015, alcançando cerca de R\$364 milhões em receitas líquidas, segundo o balanço financeiro do clube, 65% a mais que no ano anterior, quando faturou R\$ 223 milhões.

O desmanche do time bicampeão brasileiro fez que o Cruzeiro tivesse o maior faturamento da sua história em 2015, mas não evitou que o clube terminasse o ano com prejuízo milionário. Os números estão no balanço apresentado pela diretoria aos conselheiros, obtido pelo ESPN.com.br. Apesar do aumento no faturamento, as contas do clube seguiram no vermelho e o Cruzeiro terminou mais um ano com as contas no vermelho, com déficit financeiro de cerca de R\$26 milhões. (...) O crescimento foi impulsionado basicamente pelas receitas com a venda de jogadores. (ESPN, 2015).

O segundo mandato de Gilvan de Pinho Tavares foi marcado pelo aumento exponencial da dívida celeste, pela falta de desempenho dentro de campo, nos anos 2015 e 2016, e a imprudência nas contratações para 2017, último ano de mandato do governante, que terminou com o título da Copa do Brasil. Após a conquista do segundo título nacional sob comando de Gilvan, o Cruzeiro se viu na necessidade de aumentar as receitas e equacionar as dívidas. No entanto, como supracitado, apesar do aumento na receita em 2015, a Raposa viu suas dívidas crescerem de modo significativo.

De acordo com o estudo do especialista em finanças Amir Somoggi, sócio da Sports Value Marketing Esportivo, em artigo publicado por Rafael Valente (2018), em 2017, nenhum, entre os 12 times mais tradicionais do país, teve sua dívida aumentada de forma tão significativa quanto a Raposa. Em números gerais, de 2011, último ano antes da posse de Gilvan, até 2016, o valor passou de R\$120,3 milhões para R\$361,1 milhões, ou seja, em dados matemáticos, um aumento de 202%.

**Tabela 3 - Relação entre receitas e dívidas no Cruzeiro entre 2014 e 2017**

ANO	FATURAMENTO	DESPESAS
2014	R\$ 222 Milhões	R\$ 224 Milhões
2015	R\$ 289 Milhões	R\$ 279 Milhões
2016	R\$ 225 Milhões	R\$ 355 Milhões
2017	R\$ 273 Milhões	R\$ 383 Milhões

Fonte: Balanços Financeiros do Cruzeiro/Pluri Consultoria

Um fato que marcou a crise do Cruzeiro para a imprensa nacional aconteceu no fim de 2017, após a conquista de mais um título nacional, e teve como pivô o lateral Diogo Barbosa. A Raposa, que já havia realizado grandes contratações entre o fim de 2016 e o início de 2017 para seguir a saga de “títulos a qualquer custo”, como Rafael Sóbis, Ramón Ábila, Thiago

Neves, realizou a contratação de Diogo Barbosa, por empréstimo, no início de 2017, e para manter o jogador precisaria exercer a cláusula de compra ao fim da temporada.

A Assessoria de Comunicação do Cruzeiro emitiu um comunicado em que explicava que o Coimbra, clube que pertencia ao Banco BMG, e que era dono de 75% dos direitos do jogador, recebeu uma proposta de compra do Palmeiras e, por isso, aguardava uma posição da diretoria celeste, que havia prioridade na compra.

O final da gestão de Gilvan de Pinho Tavares no Cruzeiro mostra um clube em dificuldades financeiras. O time mineiro admite que teve que se desfazer do lateral esquerdo Diego Barbosa por não ter como cobrir a oferta do Palmeiras. Segundo o site Superesportes, o clube tem dificuldades para pagar salários neste final de temporada e é cobrado na Fifa por falta de pagamentos em valores que já chegam a R\$50 milhões. (Cobos, 2016)

Quando o fato ocorreu, no último ano de gestão de Gilvan, Wagner Pires de Sá já havia sido eleito presidente do clube e iniciou a transição de mandato na reta final do ano, com Itair Machado participando de forma mais ativa do dia a dia do clube nos últimos momentos de Pinho Tavares na Toca da Raposa II.

Apesar de não concordar com a decisão do então presidente, Itair, que desejava manter o atleta, foi comunicado pela gestão de Gilvan que a diretoria não conseguiu levantar o montante para adquirir o atleta e que precisaria priorizar a quitação de alguns compromissos emergenciais até o fim do mandato, como a folha de pagamento e demais despesas urgentes.

### **Gestão Wagner Pires de Sá**

Eleito em outubro de 2017, Wagner iniciou a transição de mandato enviando o seu braço-direito na gestão, Itair Machado, para acompanhar o dia a dia do clube na reta final da gestão Gilvan. A partir daí, o economista graduado na Universidade Federal de Minas Gerais, e conselheiro benemérito do clube começa a dar os seus primeiros passos para o triênio 2018/2019/2020 no comando do Cruzeiro Esporte Clube.

À frente da Raposa e ciente dos problemas administrativos causados na gestão anterior, Wagner em nenhum momento cogitou a possibilidade de partir para uma política mais austera financeiramente, muito pelo contrário. Em um de seus primeiros atos como presidente do Cruzeiro, em missa de homenagem ao aniversário do clube, no dia 02 de janeiro de 2018, reiterou o desejo de conquistar o tão sonhado título mundial para o Cruzeiro - feito ainda inédito - e engrandeceu os investimentos realizados por ele já no início de sua gestão. “Vamos nos tornar uma força, vamos ter um elo de união [...] de forma que o Cruzeiro

possa, antes de completar seu primeiro século, nos dar o maior presente que ainda não temos em nossas galerias: o Mundial de Clubes”. (Mattar e Damasceno, 2018).

Com Wagner à frente da presidência do clube, tendo Itair Machado como diretor de Futebol, e Sérgio Nonato como diretor de Comunicação, a direção estava formada na figura desses três personagens, com cada um atuando em sua respectiva área, mas sempre juntos nas ações populistas com o objetivo de agradar o torcedor celeste, à época em êxtase com as recentes conquistas e grandes contratações, sem se preocuparem com a questão financeira e orçamentária do clube.

Os gastos que, segundo o balanço do início de 2018, já eram altos, em virtude dos excessos da gestão de Gilvan, ficaram ainda maiores com Itair Machado à frente da direção de Futebol do Cruzeiro. O rombo, que era grande com a manutenção do elenco campeão da Copa do Brasil, em 2017, aumentou com a aquisição de sete reforços, de acordo com o portal especialista em transferências do mercado da bola, Transfermarkt.

Embora alguns atletas tenham sido contratados sem nenhum valor investido, o alto salário desses jogadores, experientes e consagrados dentro do mercado da bola, seriam um empecilho para o futuro financeiro do clube.

**Tabela 4 - As primeiras contratações da gestão Wagner Pires de Sá**

JOGADOR	CLUBE DE ORIGEM	VALOR
Edílson	Grêmio	Troca de Atletas
Egídio	Palmeiras	Custo Zero
Marcelo Hermes	Benfica	Custo Zero
Bruno Silva	Botafogo	1,25 milhões de euros
Mancuello	Flamengo	1,50 milhões de euros
David	Vitória	2,50 milhões de euros
Fred	Atlético Mineiro	2,55 milhões de euros

Fonte: Transfermarkt.

No campo, os resultados positivos maquiavam a péssima administração dos comandantes, que acumulavam altos gastos e levavam o clube à beira da falência mês a mês. A equipe conquistou, logo no início do ano, o título de Campeonato Mineiro, troféu que não vinha para a Toca da Raposa II, desde 2014.

Pela Copa Libertadores, enfrentando adversários difíceis e tradicionais no continente, o Cruzeiro passou sufoco enfrentando Racing, Vasco da Gama e Universidad de Chile. Mas, apesar dos percalços, a equipe conseguiu avançar para o mata-mata da competição internacional, onde ainda eliminou o Flamengo, nas oitavas. Na fase seguinte, a equipe acabou sendo eliminada pelo Boca Juniors, da Argentina, após derrota fora de casa por 2x0 e empate no Mineirão em 1x1.

Com a eliminação na Libertadores e desempenho mediano no Campeonato Brasileiro, o foco foi na Copa do Brasil, que, ao fim de 2016 sofreu um reajuste significativo nas receitas de premiação da competição, começando a serem repassadas aos clubes a partir de 2018, com o campeão podendo receber cerca de R\$70 milhões em premiação.

Segundo a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), o campeão do torneio levaria, a partir de 2018, R\$50 milhões, enquanto o vice ficaria com R\$ 8 milhões. Um grande aumento em relação aos últimos anos de competição. Para se ter uma ideia, somente a participação nas semifinais renderia R\$ 4 milhões aos cofres dos clubes envolvidos e, somando todas as cotas de fases anteriores, o primeiro colocado poderia ficar com até R\$ 68,7 milhões.

Rogério Caboclo, que à época era o homem forte da entidade, destacou a importância do aumento das cotas de premiação para o futebol brasileiro já que se tratava de uma nova era na entidade, com premiações mais altas na competição mata-mata mais importante do país.

Um acordo histórico que valoriza muito a competição, em especial a participação dos clubes, que receberão cotas e premiações recordes em termos de América do Sul. O valor contratado alcança a expressiva marca de R\$2,5 milhões, em média, por partida realizada. O montante que será pago ao campeão, por exemplo, pode equivaler a mais de um terço da receita anual de 14 dos 20 clubes da Série A do Brasileirão (Caboclo, 2016).

Para um clube austero e saudável, o valor representava uma parcela significativa nas receitas, para ser reinvestido na próxima temporada, e a chance de melhorar as condições financeiras do clube. Mas, para um clube próximo do colapso financeiro, como o Cruzeiro, seria uma oportunidade de amenizar as dívidas, tentar colocar as finanças em dia e realizar os pagamentos mais urgentes.

De acordo com o balanço financeiro do clube, a quantia acumulada de R\$ 62 milhões advinda da conquista representou 19% da receita celeste naquela temporada, e esses valores seriam destinados aos pagamentos de premiações e demais vencimentos aos atletas e comissão técnica, o que representava uma fatia significativa das receitas do clube. Em entrevista ao GE, Itair Machado ressaltou que o Cruzeiro ainda precisaria de mais R\$20

milhões para chegar ao quinto dia útil de janeiro de 2019 com todos os compromissos em dia, como as premiações e salários.

Em 2018, o Cruzeiro arrecadou R\$383 milhões, superando os R\$308 milhões de 2017, com aumentos nas receitas de vendas de jogadores (de R\$35 milhões para R\$90 milhões), direitos de transmissão (de R\$177 milhões para R\$191 milhões), patrocínios (de R\$26 milhões para R\$33 milhões) e bilheteria (de R\$16 milhões para R\$24 milhões). Apesar disso, o clube registrou um déficit de R\$27,2 milhões, superior ao prejuízo de R\$16,8 milhões em 2017. Os gastos também cresceram, como os de pessoal (de R\$174 milhões para R\$226 milhões), compra de direitos de atletas (mais de R\$58 milhões) e despesas operacionais (acima de R\$30 milhões). Além disso, os empréstimos bancários saltaram de R\$33 milhões para R\$92 milhões, e a dívida com clubes nacionais e internacionais aumentou de R\$65 milhões para R\$98 milhões. (Duarte, 2019)

Com o aumento exponencial das dívidas no caixa do Cruzeiro ao longo dos anos e um balanço financeiro atualizado constando débito acima de meio bilhão ao fim de 2018, o segundo ano da gestão Wagner na Toca da Raposa foi ainda mais turbulento e caótico. Sem pregar austeridade e equilíbrio nas contas em nenhum momento, Itair Machado seguia sua missão de tornar o Cruzeiro um time competitivo para a temporada, pensando exclusivamente nos resultados dentro de campo, visando mais um ano de competições nacionais e internacionais.

Dentro da sua narrativa, era de praxe o então diretor de futebol descredibilizar as especulações da imprensa durante o período de transferências e ressaltar o papel do Cruzeiro, dentro das negociações, como um time estável que briga por títulos e com um elenco qualificado.

Em sua primeira aparição em 2019, na reapresentação dos atletas para a pré-temporada, o dirigente concedeu entrevistas para por fim nas especulações de mercado que envolviam seus atletas, rechaçando qualquer possibilidade de transferência, atacando a “imprensa nacional”, caracterizada na figura da Rede Globo, de publicar inverdades acerca das saídas dos jogadores.

Eu tenho o maior prazer, porque é aí que eu não vendo. Da mesma forma que vocês nos analisam, a gente analisa vocês também. A gente sabe qual é o time de cada um aqui e dos outros que trabalham na imprensa nacional. Como o Flamengo é o time de maior torcida do país, a gente sabe que predomina na rede nacional. Eu gosto de ver eles falarem que não vai acontecer. Eles estão mentindo para o telespectador e leitor. Nossa proposta é sempre falar a verdade. Da mesma maneira que Cruzeiro e Grêmio sentaram e trataram a coisa de maneira transparente, nós fomos ao presidente do Santos com o Marcelo Djian. Acho que esse é o caminho. A imprensa, infelizmente, principalmente o eixo Rio-São Paulo, gosta de

puxar para lá. Mas eles têm que entender que o Cruzeiro tem um grupo forte, que briga por títulos (MACHADO, 2018).

De todos os profissionais que se destacaram dentro de campo nos últimos anos e que vinham recebendo sondagens de outros clubes, como Thiago Neves e Dedé, outro jogador foi o centro das atenções no mercado da bola, e futuramente, nas análises fiscais do clube (de forma irregular): O uruguaio Giorgian De Arrascaeta. Sua transferência é um dos primeiros indícios de uma crise institucional na Toca da Raposa II, além, é claro, da crescente dívida financeira do clube, que ainda não havia eclodido entre os torcedores.

Martelo batido. O uruguaio De Arrascaeta deixará o Cruzeiro para vestir a camisa do Flamengo na temporada de 2019 depois de uma negociação histórica. Após longas reuniões em Montevidéu, as partes se acertaram e concretizaram a ida do meia para o Ninho do Urubu. O valor negociado foi de 15 milhões de euros (R\$63,7 milhões), o maior da história do futebol brasileiro. Arrascaeta assinará com o Flamengo um contrato até 2022. Até então, a compra mais cara efetivada por uma equipe brasileira havia acontecido com o atacante Tévez. Para contratar o jogador em dezembro de 2004, o Corinthians pagou cerca de R\$60 milhões (Bruno e Fernandes, 2019).

A partir desse momento, começa o trabalho de apuração de Rodrigo Capelo e Gabriela Moreira, abordado no próximo capítulo, contando o passo a passo da derrocada celeste que ultrapassou os limites do campo, ocasionando uma enorme crise financeira e institucional em um dos maiores clubes do continente sulamericano.

Apesar de ter perdido o craque do time, Arrascaeta, que se transferiu para o Flamengo, Wagner Pires de Sá tratou de manter a qualidade do elenco, contratando nomes de alto impacto - e conseqüentemente, alto custo - para compor o plantel do time bicampeão da Copa do Brasil, com o objetivo de manter o clube na luta pelos três principais torneios que a equipe disputaria: Campeonato Brasileiro, Copa do Brasil e Copa Libertadores.

Ao todo, a diretoria investiu em oito novas contratações para transformar o plantel em um dos mais competitivos do país, oferecendo altos salários a alguns desses jogadores, além de pagar valores acima do mercado aos clubes que detinham o passe desses atletas.

**Tabela 5 - Contratações do Cruzeiro em 2019**

JOGADOR	CLUBE DE ORIGEM	VALOR
Rodriguinho	Pyramids – EGI	5 milhões de euros
Pedro Rocha	Spartak Moscou – RUS	750 mil (Empréstimo)

Dodô	Sampdoria – ITA	500 mil euros (Empréstimo)
Marquinhos Gabriel	Corinthians	Custo Zero
Jádson	Fluminense	Custo Zero
Luis Orejuela	Ajax – HOL	Empréstimo
Marcelo Hermes	Benfica – POR	Custo Zero
Vinícius	Criciúma	Custo Zero

Fonte: Transfermarkt

Dentro de campo, o desempenho celeste começou a todo vapor, com a diretoria conseguindo estancar - ou ao menos, evitar, inicialmente -, a sangria financeira instaurada ao longo dos últimos anos. Mantendo o bom desempenho de 2018, com o elenco campeão da Copa do Brasil e Estadual, a Raposa se manteve um dos melhores desempenhos entre as equipes da América do Sul, conquistando a melhor pontuação na primeira fase da Copa Libertadores e conquistando, de forma consecutiva, o Campeonato Mineiro, vencendo o Atlético na decisão.

Um início de temporada irretocável. O título do Campeonato Mineiro, conquistado no sábado, após o empate em 1 a 1 com o Atlético-MG, no Independência, ratifica a excelente performance que o time comandado por Mano Menezes teve nos pouco mais de três meses e meio de temporada. A Raposa é a única equipe entre aquelas que participarão das Séries A e B do Campeonato Brasileiro que ainda não perdeu em 2019. Em 20 partidas disputadas, foram 15 vitórias e cinco empates, com a expressiva marca de 44 gols marcados (média de dois gols por jogo) e apenas nove sofridos (média de 0,45 gol por partida). (Finelli, 2019).

Após a conquista do campeonato estadual e o bom desempenho na fase de grupos da Copa Libertadores, o Cruzeiro realizou sua estreia no Campeonato Brasileiro e, a partir daí, os resultados em campo começaram a piorar, assim como internamente, com o rombo financeiro e o caos na política do clube. Todo esse cenário contribuiu muito com o péssimo desempenho celeste nas competições que sonhava alto. Na Copa Libertadores, eliminado nas oitavas de final para o River Plate. Na Copa do Brasil, nas semifinais para o Internacional. E no Brasileiro, o cenário mais caótico e inesperado, rebaixado pela primeira vez em sua história, ficando na 17ª colocação.

De acordo com Gabriel Duarte, setorista do Cruzeiro pelo GE em 2019, é possível resumir a catástrofe do Cruzeiro, naquele ano, em três pilares: Má gestão, política conturbada e a constante troca de técnicos. Como já supracitado ao longo deste capítulo, o Cruzeiro

sofreu bastante com problemas políticos ao longo dos anos 2010, principalmente entre os mandatos de Gilvan de Pinho Tavares e Wagner Pires de Sá. A transição foi bem conturbada entre as direções, principalmente se considerarmos que eram da mesma ala política, e contou com a saída de nomes importantes dentro do futebol, como os diretores Bruno Vicintin, Tinga e Klauss Câmara.

Gilvan de Pinho Tavares, atual mandatário, falou em união no comando do clube para o próximo triênio (2018/19/20). Dois dias depois, o dirigente acabou surpreendido e se viu em meio a uma reviravolta nos bastidores. Diante da mudança de postura de Wagner Pires de Sá em relação à troca de cadeiras no departamento de futebol do clube, com a saída de Bruno Vicintin e o movimento de saída de outros membros, Gilvan rompeu com o candidato eleito com o apoio dele. O atual presidente, cujo mandato se encerra no dia 31 de dezembro, queria manter todo o comando do departamento de futebol. No entanto, Bruno Vicintin, vice-presidente e gestor da área, entregou o cargo nesta quarta-feira, em reunião que contou com a presença do próprio Gilvan e de Wagner Pires de Sá. O descontentamento aumentou com a decisão do novo mandatário de efetivar Itair Machado, ex-presidente do Ipatinga, como 'homem-forte' do futebol do clube - ele vai ocupar justamente o cargo de vice-presidente de futebol. Gilvan foi contra a decisão, mas Wagner manteve a postura (GE, 2017).

Durante o primeiro ano de mandato de Wagner, ainda houve crises relacionadas ao Conselho Deliberativo do Clube, causadas pela cisão entre os mandatários. Os conselheiros haviam elegido um novo conselho fiscal para reanalisar contratos e avaliar o balanço financeiro, estopim para uma investigação minuciosa que comprovou centenas de irregularidades no clube.

De acordo com o repórter Gabriel Duarte, em reportagem escrita ao fim de 2019 no portal GE, - ano que culminou com a queda do Cruzeiro Esporte Clube para a segunda divisão pela primeira vez em sua história -, a constante troca de treinadores e métodos de trabalho geraram desgaste entre os jogadores e foram alguns dos motivos para o rebaixamento.

O cenário extracampo do Cruzeiro já apresentava problemas significativos desde a veiculação da reportagem especial de Rodrigo Capelo e Gabriela Moreira no Fantástico, mas as decisões tomadas dentro de campo também foram determinantes para a queda do clube. A instabilidade no comando técnico ao longo do Campeonato Brasileiro evidenciou essa fragilidade. Ao todo, cinco treinadores assumiram a equipe durante a competição, incluindo Ricardo Resende, que comandou o time interinamente no empate por 2 a 2 contra o Avaí, em Santa Catarina.

Mano Menezes, bi-campeão da Copa do Brasil, iniciou a campanha e acumulou apenas 10 pontos em 13 jogos, com um aproveitamento de 25,6%. Sua demissão veio após a

derrota por 1 a 0 para o Internacional, em casa, pela semifinal da Copa do Brasil, com o time já eliminado da Libertadores nas oitavas, diante do River Plate. Rogério Ceni assumiu em seguida, somando oito pontos em sete jogos (38,09% de aproveitamento), mas sua passagem foi marcada por atritos com jogadores experientes, como Edilson, Dedé e Thiago Neves. Esses conflitos internos refletiram diretamente no desempenho em campo, expondo a falta de coesão e planejamento necessários para evitar o rebaixamento.

Posteriormente, Abel Braga, técnico experiente e multicampeão por Internacional e Fluminense, chega para tentar apaziguar o clima no vestiário e buscar livrar o Cruzeiro da queda inédita, que de nada adiantou. Ao todo, foram três vitórias, três derrotas e oito empates em 14 jogos à frente da Raposa.

A última cartada para tentar dar vida nova ao Cruzeiro foi contratar Adilson Batista, ídolo cruzeirense como jogador e que, como treinador, levou o time à final da Libertadores de 2009. Adilson assumiu com três jogos restantes de Brasileiro e apenas com 10 dias de trabalho, mas não conseguiu impedir a queda. Foram três derrotas, sem o time marcar sequer um gol (Duarte, 2019).

Durante a crise dentro de campo, os bastidores continuavam movimentados, Wagner Pires perdia força e, em paralelo à luta contra o rebaixamento, perdeu seus dois escudeiros, Itair Machado e Sérgio Nonato, diante da pressão da torcida com a crise dentro e fora das quatro linhas.

Após a demissão de Rogério Ceni, Sérgio Nonato deixou o cargo de diretor-geral em 4 de outubro de 2019. Poucos dias depois, em 10 de outubro, foi a vez de Itair Machado ser desligado do clube. Com a saída dos dois principais aliados de Wagner Pires de Sá, Zezé Perrella, então presidente do Conselho Deliberativo, assumiu a gestão do departamento de Futebol. Perrella chegou com um discurso otimista, apresentando-se como a solução para os problemas do Cruzeiro. Contudo, sua atuação não correspondeu às expectativas, e ele foi retirado da função por Wagner em 12 de dezembro, após apenas dois meses no cargo.

Com a derrocada da gestão Wagner, foi criado um comitê para a contenção de crise na reta final da temporada, o conselho gestor, formado por seis conselheiros do clube e que tomaria as rédeas da situação até o fim de 2020. Wagner Pires de Sá, ainda manteve a presidência até a assinatura da carta de renúncia no dia 19 de dezembro, mas sem qualquer poder de decisão dentro do clube. Após a saída de Wagner, José Dalai Rocha assumiria a presidência da associação de forma interina.

A decisão é mais um capítulo da crise administrativa e financeira do Cruzeiro. Desde as irregularidades apontadas em 26 de maio pelo Grupo Globo na gestão atual do clube, a Raposa vem passando por momentos conturbados nos bastidores e que acabaram afetando a parte esportiva. A crise acabou culminando na queda do vice-presidente de futebol, Itair Machado, e do diretor-geral, Sérgio Nonato, além da ascensão de Zezé Perrella à gestão do futebol do clube mineiro. Wagner Pires de Sá, mesmo com as denúncias e a investigação da Polícia Federal na Operação Escobar, se manteve blindado na crise administrativa e está mantido no cargo" (Duarte, 2019)

Com a saída de Itair Machado e Sérgio Nonato, o Cruzeiro decidiu formar um Conselho Gestor para comandar o clube até que novas eleições fossem realizadas. Para José Dalai Rocha, presidente do Conselho Deliberativo, o termo de ajuste necessário para que os conselheiros assumissem o clube já estava sendo elaborado. Inicialmente, o Conselho Gestor seria composto por três conselheiros natos, mas foi reorganizado para incluir sete integrantes: Alexandre de Souza, Carlos Ferreira, Emílio Brandi, Jarbas dos Reis, Saulo Tomaz Froes, Pietro Sportelli e Pedro Lourenço.

Para a destituição completa da “Chapa União”, ainda restariam o primeiro vice, Hermínio Lemos, e o segundo vice, Ronaldo Granata, que num primeiro momento não demonstraram vontade em assinar a carta mas que ao fim, se viram obrigados a deixar o clube em meio à crítica situação em que o clube se encontrava.

### **3.3 Torcedor de dirigente**

Com base em tudo que já foi supracitado, o Cruzeiro viveu momentos delicados em sua história desportiva a partir de 2019. A crise que antes era apenas financeira se agravou e foi somada a debates políticos acalorados, suspeitas de corrupção e dirigentes que lesaram o clube em benefício próprio ao longo de toda a gestão.

Contudo, durante boa parte daquele ano, esses dirigentes se mantinham em seus cargos devido ao grande apreço que tinham diante dos seus torcedores, principalmente por conta de ações populistas e provocações aos rivais em momentos estratégicos da temporada, com o objetivo de tentar desestabilizá-los e, claro, ganhar o prestígio diante dos cruzeirenses.

O comportamento de torcedores de futebol é um dos elementos principais para entender como a cultura do futebol assume um papel importante diante da sociedade, principalmente quando falamos identitariamente, social e politicamente. Diante desse contexto, conseguimos analisar um termo muito abordado na imprensa esportiva brasileira,

constantemente citado em alguns estudos acadêmicos que relacionam futebol, comunicação e ciências humanas: O termo “torcedor de dirigente”.

Basicamente, esse termo se refere aos torcedores que, além de apoiarem a equipe, adotam uma postura de defesa incondicional de quem gerencia o clube, independente das críticas direcionadas à administração.

Há muito tempo, o futebol brasileiro é marcado pela presença de dirigentes que abraçam, a qualquer custo, as causas do clube e isso, de fato, gera muita proximidade com o torcedor. Esse costume ficou muito marcante entre as décadas de 80, 90 e 2000, com os exemplos de: Eurico Miranda, no Vasco; Castor de Andrade, no Bangu; Mário Celso Petraglia, no Athletico; e, claro, Zezé Perrella, no Cruzeiro.

Marcos Alvito (2007) fez um balanço sobre essa relação intrínseca do futebol brasileiro com o anseio de transformar dirigentes esportivos nos verdadeiros astros do evento. Para Alvito (2007), essas dinâmicas de poder que o futebol proporciona é capaz de tornar os clubes reféns das figuras políticas dos dirigentes, o que acaba criando essa relação direta entre o sucesso esportivo e a aprovação da gestão.

O torcedor de dirigente surge como um reflexo dessa personalização, optando por esse ‘alinhamento’ emocional e passional com os gestores do clube, anulando toda e qualquer crítica que venha a ocorrer durante esse período que os cartolas estão à frente do clube.

Ao longo da gestão Wagner Pires de Sá, os principais homens fortes da política cruzeirense, ao lado do presidente, Itair Machado e Sérgio Nonato, colecionaram ações com a missão de gozar do prestígio dos cruzeirenses, a começar com a frase dita pelo presidente recém eleito, em 2017: “Vamos buscar o Mundial!”. A frase gerou repercussão nas redes sociais e deu a entender aos torcedores que o clube, a partir daquele momento, brigaria por coisas grandes.

Em uma das eleições mais acirradas da história do Cruzeiro, a situação venceu. Wagner Pires é o novo presidente do clube pentacampeão da Copa do Brasil. O candidato da chapa 'União - Pelo Cruzeiro, Tudo', indicado pelo atual mandatário, Gilvan de Pinho Tavares, venceu a eleição por 235 votos a 200 contra o candidato da oposição, Sérgio Rodrigues, da chapa 'Tríplice Coroa' (foram cinco votos brancos e cinco votos nulos). A chapa traçou cinco objetivos para o futebol: ser campeão mundial de futebol, ganhar pelo menos uma vez a Libertadores no triênio, conquistar títulos nacionais, ter a quarta maior torcida do país e atingir a receita de R\$500 milhões anuais. (Frossard e Amaral, 2017)

Em 2019, na noite antes da veiculação da reportagem de Rodrigo Capelo e Gabriela Moreira, Itair Machado enfrentou, em vários momentos, o Grupo Globo de comunicação,

considerado por muitos clubes de fora do que chamamos de “Eixo Rio - São Paulo” - termo que refere aos dois grandes polos da imprensa nacional - como o grande inimigo comum, por priorizar e beneficiar as equipes das duas maiores praças do Brasil.

Com a polêmica transferência do uruguaio Giorgian De Arrascaeta, ao Flamengo em janeiro de 2019, Itair deu sua primeira declaração contra a Globo e os chamados “Times do Eixo” no ano de sua derrocada. As declarações contra clubes, dirigentes, agentes de atleta e imprensa, ganharam destaque nacionalmente e claro, contaram com o apreço por parte dos cruzeirenses que viam em Itair um personagem que defendia, única e exclusivamente, os interesses do clube.

Poucos dias após a transferência do atleta ao Flamengo, Itair recebeu Gabriel Duarte e Diogo Finelli, do Globo Esporte, na Toca da Raposa II para falar um pouco sobre o seu estilo e como vinha ganhando cada vez mais protagonismo nos bastidores celestes. Durante a entrevista, o diretor falou sobre o seu estilo e suas expectativas à frente da raposa em 2019.

Quando eu assumi aqui, eu sempre disse que o meu estilo é de falar a verdade e, lógico, com respeito. Acho que, em momento algum, eu desrespeitei ninguém. Pode ser que a verdade desagrade, e a pessoa se sinta desrespeitada. Mas o intuito é falar a verdade e defender o Cruzeiro. Sei que a gente cativa muitos inimigos por isso, mas eu estou aqui para defender a torcida do Cruzeiro (Finelli e Duarte 2019).

A repercussão da entrevista foi extremamente positiva para Itair, que novamente se mostrava um grande defensor dos interesses do clube, bem como ressaltam Chomsky e Herman (1988), enquadrando a mídia como um grande inimigo e com o objetivo de, a todo e qualquer custo, minar as ações dos clubes que estão fora dos requisitos por ela impostos.

Meses depois, outro episódio marcante envolveu o “modus operandi” do vice de Futebol do Cruzeiro. Momentos antes da divulgação da reportagem especial do Fantástico, e que será abordada no próximo capítulo, Itair Machado divulgou uma nota com o objetivo de tentar garantir o apoio prévio do torcedor antes mesmo da veiculação do trabalho de Rodrigo Capelo e Gabriela Moreira. O desempenho no campo, já não agradava e o torcedor estava impaciente; a matéria poderia significar o início da derrocada da gestão.

Além disso, Machado enviou mensagens diretas pelo WhatsApp ao Grupo de Conselheiros do Cruzeiro a fim de descobrir quem “vazou” informações sigilosas do clube para os jornalistas responsáveis pela produção da reportagem especial.

Conforme os conceitos de Chomsky e Herman (1988), Itair manteve o discurso contra o seu inimigo maior: A Rede Globo. Para ele, o fato de estar “batendo de frente” contra tudo e todos era o motivo de estarem querendo o derrubar. Horas antes do início do principal

programa de entretenimento e jornalismo da TV Brasileira, o Fantástico, o Cruzeiro resolveu se “precar” ressaltando que teria como provar tudo e que, apesar de tudo, o clube não apresentava incongruências financeiras e, muito menos, crimes de quaisquer natureza.

(...) Tenho a obrigação de esclarecer a vocês essa matéria que vai ao ar hoje, no Fantástico. Temos certeza que vamos provar no decorrer dos próximos dias. Qual o conselheiro que furtou os documentos do Cruzeiro e ainda negociou com o Repórter da Globo que ele entregaria qualquer documento para a realização da matéria, mas o foco teria que ser eu. Esse Conselheiro é um câncer, pessoa do mal e covarde, pois só atua sem por a cara. Temos como provar tudo, principalmente que não tem desonestidade. E o Cruzeiro teve quase 8 milhões por ano de contrato fechado. Nosso Presidente está batendo de frente com a Globo. (Duarte e Finelli, 2019)

A construção da imagem do dirigente como ídolo ou vilão está diretamente conectada à forma como o jornalismo esportivo direciona os discursos no futebol. Como aponta Victor Andrade de Melo (2003), a mídia tem o poder de criar e reforçar polarizações, o que acaba posicionando torcedores em papéis de defesa ou ataque em relação aos dirigentes. Essa estratégia, muitas vezes utilizada para gerar engajamento, também influencia o comportamento dos torcedores, que passam a se envolver mais com as questões políticas do clube do que com o próprio esporte em si.

O "torcedor de dirigente" é, portanto, um reflexo de diversas dinâmicas que permeiam o futebol brasileiro, desde a construção da identidade torcedora até a politização dos clubes e a influência das narrativas midiáticas.

Esse fenômeno é um indício de que podem haver intercorrências dentro de uma instituição, visto que a busca por um inimigo em comum é realizada com o objetivo de aproximar o público, neste caso, o torcedor, a somar forças com a gestão e se “blindar” diante do mal que bate a porta. Ao longo do próximo capítulo, é possível observar de forma clara, como esse artifício foi bastante utilizado por parte dos dirigentes do clube para trazer o torcedor para o seu lado, mesmo diante de todas as intercorrências que aconteciam naquele momento. É diante disso que conseguiremos analisar, como esse e outros aspectos foram importantes para os jornalistas Rodrigo Capelo e Gabriela Moreira na construção da grande reportagem do dia 26 de Maio de 2019.

## **4 UM GIGANTE EM CRISE: A REPORTAGEM DO FANTÁSTICO**

### **4.1 Descrição da Reportagem**

O dia 26 de maio de 2019 pode ser considerado um marco para o jornalismo esportivo investigativo nacional pois neste dia foi ao ar uma das reportagens de grande destaque no campo nos últimos anos, sendo constantemente lembrada por apresentadores esportivos para abordar assuntos como saúde financeira e gestões lesivas ao clube. Em quatro semanas de apuração, passando por multiplataformas e envolvendo grandes profissionais do jornalismo esportivo nacional e regional - como Gabriel Duarte -, Gabriela Moreira e Rodrigo Capelo contaram com o suporte de profissionais das áreas de economia, contabilidade e administração, que foram responsáveis por todo o suporte técnico durante a construção das evidências de fraudes contábeis e fiscais por parte da gestão de Wagner Pires de Sá.

Rodrigo Capelo é um jornalista do Grupo Globo, especializado em negócios do esporte e responsável por trazer uma visão mais técnica dos “bastidores” dos clubes de futebol em programas esportivos da emissora. Com constantes aparições nos programas da casa, como “Redação SporTV” e “Seleção SporTV”, o jornalista foi conquistando seu espaço e se tornando uma das principais referências da área no cenário esportivo nacional.

Além da TV, Rodrigo é autor do podcast “Dinheiro em Jogo”, com assuntos que vão além das quatro linhas do gramado. Costumeiramente, Capelo conduz rodas de conversa com especialistas em economia, marketing esportivo, política e claro, contabilidade, um dos tópicos que permeiam o tema desta monografia. E com o intuito de complementar os debates do podcast, o jornalista escreve reportagens dentro do seu blog no Ge.Globo, site de notícias esportivas da emissora em que trabalha, além de atuar como colunista do Jornal O Globo.

O trabalho do jornalista se aproxima muito do conceito de Henry Jenkins (2006), quando este autor descreve a cultura da convergência e a relação entre as mídias tradicionais e os novos veículos digitais que chegaram com toda a força no cenário comunicacional, afetando a forma como as pessoas consomem, produzem e interagem com os conteúdos jornalísticos.

A audiência, que no passado era considerada “passiva”, apenas consumindo o conteúdo, agora se faz cada vez mais presente nas redes sociais, compartilhando, interagindo, colaborando com a produção de conteúdo, em certos momentos e, mais do que nunca,

influenciando as narrativas. Estes tópicos estão claramente relacionados com o tema da monografia, que nesse contexto comunicacional contou com a incessante interação dos torcedores ao repercutirem o trabalho dos profissionais da comunicação do Grupo Globo que fizeram parte da equipe de produção da reportagem, como Rodrigo Capelo, Gabriela Moreira e Gabriel Duarte.

Moreira e Duarte foram peças-chave durante todo o processo de produção da reportagem especial do Fantástico sobre o rombo financeiro do Cruzeiro, em 2019. Enquanto a primeira, experiente na área investigativa do esporte, considerada por Kfoury (2017) como uma das mais talentosas do segmento, Gabriel Duarte foi o elo entre o trabalho de apuração na capital mineira, já que é o setorista do Cruzeiro, no Globo Esporte.

A construção da reportagem começa a partir das apurações iniciais de Capelo acerca de fraudes em documentos e o repasse de uma porcentagem do valor de venda de um atleta menor de idade a um empresário, o que é ilegal, de acordo com a Lei Pelé e o Estatuto da Criança e do Adolescente (A cessão de direitos federativos a empresários também havia sido proibida pela FIFA em 2015). E é dessa forma que Poliana Abritta e Tadeu Schmidt introduzem o tema ao telespectador naquela noite de domingo, 26 de maio de 2019, no Fantástico.

A reportagem que você vai ver agora é sobre o atual bicampeão da Copa do Brasil, o Cruzeiro. Mas ainda não é aquele momento do Fantástico em que a gente fala de futebol. O assunto aqui é o que acontece fora de campo. Os repórteres Gabriela Moreira e Rodrigo Capelo tiveram acesso a documentos internos do clube que revelam transações irregulares e o uso de empresa de fachada para ocultar crimes. E mais: Os dirigentes teriam negociado um jogador menor de idade, o que é proibido. (Fantástico, 2019, [00:01])

Dentro dessa perspectiva é importante analisar a escalada de informações da reportagem, da maneira como ela foi construída, de acordo com o que Lage (2001) define para reportagens televisivas: começando com a apresentação dos fatos e a exposição das irregularidades na cessão de direitos econômicos aos atletas, mediante garantia de pagamento de um empréstimo a um empresário, e as irregularidades dentro do balancete contábil do clube que abria brecha para novas investigações.

É possível observar o cuidado dos repórteres ao buscarem fontes que acrescentem as denúncias, mas também a busca pelos envolvidos no caso, como o pai do jovem menor de idade citado na negociação e o empresário Cristiano Richard. E por mais que não seja

possível obter todas as respostas, essa busca pelos depoimentos precisa ser ressaltada como uma oportunidade de direito de resposta às vítimas e acusados.

Com sua voz nos offs<sup>2</sup> Gabriela Moreira inicia a reportagem citando o garoto Estevão, jovem de 11 anos que teve parte dos seus direitos repassados ao empresário Cristiano Richard. Como Estevão era considerado uma das maiores joias do Brasil, a repórter faz questão de enfatizar que além do notado talento do garoto, não é permitido envolver jovens nesse tipo de negociação. Logo após, seguindo uma prática bem comum da construção de reportagens investigativas, a edição mostra documentos obtidos por Capelo com algumas das suas primeiras fontes de informação, destacando os detalhes do contrato, evidenciando a ilegalidade e a conivência dos diretores do Cruzeiro, abrindo um zoom nas assinaturas de Wagner Pires de Sá e Itair Machado no documento.

A exibição desses documentos é uma estratégia importante a fim de dar credibilidade para a reportagem. Nesse caso, enquanto o jornalista contextualiza e explica o contexto daquele contrato, a edição gráfica realça essas informações para auxiliar o telespectador na compreensão do fato.

O segundo ponto abordado, no minuto 3 da reportagem, está relacionado com o aumento das dívidas do clube, que saltou de R\$384 milhões para R\$520 milhões em apenas um ano da gestão Wagner. As fraudes fiscais que levaram à renúncia de alguns conselheiros, resultaram em uma “maquiagem” nas dívidas que deveriam ser maiores caso o clube não tivesse incluído, de forma irregular em seu balancete contábil, a venda do atleta Arrascaeta ao Flamengo, no início de 2019.

Para credibilizar as informações citadas, Benny Kessel, auditor contábil, aparece na matéria e explica o porquê da manobra jurídica, as irregularidades e as possíveis sanções que o clube pode sofrer com essas ações. Em seguida, Ubirajara Pires, ex-conselheiro fiscal do Cruzeiro, que pediu afastamento do cargo, reforça as irregularidades que estavam acontecendo e que esse foi o pivô para pedir demissão do clube. Ele afirmou: “Não nos foi entregue nenhum recibo e nenhum contrato durante um ano de trabalho. Nossa função era fiscalizar e nós teríamos que ver o balancete analítico mensal e conferir os recibos e os documentos, e não nos foi disponibilizado”. (Fantástico, 2019, [04:32])

---

<sup>2</sup> Terminologia utilizada no jornalismo ao se referir a narração feita pelo repórter enquanto outras cenas são reproduzidas durante a reportagem. O jornalista grava o “off” após a coleta de todas as informações, para construir um texto mais coeso e direto, de fácil compreensão do telespectador

A próxima etapa dessa escalada de informações, que começou com a exposição das duas irregularidades citadas acima que abriram os olhos dos repórteres sobre um possível problema, daí parte-se para a busca por uma solução. Dessa forma, já no minuto 5, o chefe da Divisão Especializada de Investigação de Fraudes, Dominiciano de Castro Neto, aparece ressaltando que a Polícia Civil abriu um inquérito para investigar essas possíveis fraudes fiscais levantadas nos primeiros minutos da reportagem, além da prática de crimes como falsificação de documento particular, falsidade ideológica e lavagem de dinheiro.

O depoimento do policial abre as portas para Gabriela Moreira e Rodrigo Capelo prosseguirem com os materiais encontrados ao longo do longo período de apuração na capital mineira, detalhando de forma mais minuciosa as incoerências que encontraram na análise do balancete contábil de 2018, a partir do minuto 5. Destacou-se novas irregularidades e movimentações suspeitas que constavam no balanço financeiro, como o repasse de cerca de R\$370 mil à uma madeireira, AVS, e o pagamento mensal às torcidas organizadas do clube, Máfia Azul e China Azul.

Na passagem do minuto 5, em frente a Toca da Raposa, centro de treinamentos do Cruzeiro, Gabriela Moreira destaca que o clube efetuou pagamentos equivalentes a R\$180 mil para a TV Máfia Azul, canal de comunicação da torcida organizada. Em seguida, Moreira aparece em cena buscando contato com Daniel Sales ‘Quik’, diretor da TV e que seria responsável por receber esses repasses. A busca pelo contato com essas pessoas envolvidas dá ainda mais clareza a quem acompanha, além de nominar os possíveis responsáveis por cada irregularidade. Segundo a reportagem: “Fazer pagamentos a torcidas organizadas não é crime, mas somadas, as duas torcidas custarão aos cofres já endividados R\$368 mil reais até o fim da gestão, em 2020”. (Fantástico, 2019. [05:59])

Dando continuidade ao aprofundamento da apuração dos repórteres, a reportagem é conduzida ao seu clímax, com depoimentos de conselheiros e ex-funcionários da gestão, que preferiram não ser identificados, onde revelaram a “farra” com o dinheiro do clube por parte dos dirigentes com o objetivo de se manterem à frente da instituição por mais um mandato. Essa condução da reportagem tinha como objetivo atingir o nome de Itair Machado, “homem-forte” da gestão do presidente Wagner Pires de Sá, e membros do Conselho Deliberativo.

O fato que serviu como fio condutor para este fato foi a aprovação do empréstimo de R\$300 milhões, solicitado pela gestão com o objetivo de diminuir as dívidas do clube e que necessitava da aprovação do conselho deliberativo do clube.

Foi um circo: Levaram todos os conselheiros em grupos de 30,40,50 para a Toca da Raposa. Deram camisas, lanches, medalhas (...). Nas reuniões eles estavam falando muito assim: se a gente quiser ganhar as próximas eleições, a gente precisa dar muito churrasco, cerveja, ingressos para jogos e outras coisas para os conselheiros, porque aí a gente vai tê-los com a gente. Podemos de uma certa forma usar uma analogia com o mensalão. É uma forma de você ter a fidelização do conselheiro. (Fantástico, 2019, [07:25])

A fim de reforçar o problema, Ronaldo Granata, vice-presidente do Cruzeiro, que rompeu com Wagner e Itair, evidencia a incredibilidade do Conselho, ressaltando que estavam aprovando tudo que a gestão fazia. Para Granata, os conselheiros eram apenas uma “vaquinha de presépio” dentro desse turbilhão de informações, fraudes e farras com o dinheiro da instituição.

Com a retomada da fala de Moreira no off, a jornalista ressalta que muitos conselheiros têm cargos remunerados dentro do clube ou até mesmo contratos de prestação de serviços com suas empresas. Segundo a jornalista, os pagamentos variam de R\$13 mil a R\$40 mil mensais.

Na tentativa de buscar uma resposta com um desses envolvidos, Gabriela consegue contato com Chedinho, dono de uma empresa que faz festas e churrascos para o clube, mas a ligação, exibida na reportagem, dura menos que 10 segundos, visto que após atender a jornalista, Chedinho parece não entender a pergunta e desliga o telefone. A utilização dessas cenas de tentativa de contato foi um artifício na produção da reportagem, evidenciando a tentativa por um posicionamento dos envolvidos, mas que na maioria das vezes acabou frustrada.

O último ato da exposição dos fatos na reportagem atinge Itair Machado, responsável pela assinatura da maioria dos contratos evidenciados na reportagem. Além do dirigente estar envolvido em todas as outras denúncias, Moreira traz um fato novo e que provavelmente gerou maior comoção e indignação por parte dos torcedores do clube: O aumento exponencial do seu próprio salário. “Somando salário e premiação por título, Itair recebeu R\$3,3 milhões no ano passado. Em um ano, ele teve seus rendimentos aumentados três vezes, todos aprovados por ele mesmo”. (Fantástico, 2019, [09:30])

No encerramento da reportagem, Gabriela ressalta o posicionamento oficial do Cruzeiro, em nota, respondendo sobre todas as acusações da reportagem, priorizando as respostas às questões acerca do salário de Itair Machado, dos serviços prestados por empresas de conselheiros e a cessão de direitos econômicos de atletas como garantia de pagamento de empréstimo. A edição foi clara ao evidenciar, com off e imagens, a tentativa de Moreira e Capelo de marcar uma entrevista com os responsáveis pela gestão do clube, o que não deu certo.

Após o posicionamento oficial do clube, há uma escolha muito inteligente para o fechamento da matéria, com a retomada dos assuntos do início na matéria, com trechos fortes e de impacto na entrevista. A começar com Ubirajara Pires, ex-conselheiro fiscal, que ressaltou que as finanças do clube estão caóticas e que, naquele momento, são impagáveis, até mesmo com perigo de falência.

O pai do garoto Estevão William abriu e encerrou a reportagem. Ainda atônito com a informação que recebera dos jornalistas, finalizou sua participação com um versículo da bíblia, citando Lucas 12:2: “Não há nada oculto que não será revelado”.

No decorrer dos meses de 2019, a apuração teve novos desdobramentos, dessa vez em novas plataformas de comunicação, como o podcast “Dinheiro em Jogo” e o Blog do Capelo, no site do GE. Gabriel Duarte, que teve grande importância no processo de apuração, também dá prosseguimento ao trabalho de acompanhar os novos fatos que surgiam no decorrer do ano, trabalhando em conjunto com os repórteres que estavam em outras praças da emissora - Rio de Janeiro (Gabriela Moreira) e São Paulo (Rodrigo Capelo).

Após o grande trabalho de apuração para produzir a reportagem, Rodrigo resolveu reunir grandes trabalhos da carreira, somados às histórias relevantes dentro do futebol nacional que sigam a mesma linha de trabalho, em um livro, “O futebol como ele é”, em que relatou, em dois capítulos, os bastidores da apuração e todos os processos que levaram à reportagem do dia 26 de maio de 2019, exibida no Fantástico.

#### **4.2 - O papel da apuração na construção da reportagem especial**

Mas qual foi o ponto de partida da investigação de Capelo? O gancho surgiu durante uma participação do jornalista em um dos programas televisivos da TV Globo, o "Redação

SporTV", ao divulgar uma manobra fiscal feita pela diretoria de Wagner Pires de Sá e Itair Machado na venda do meia De Arrascaeta ao Flamengo, citado no capítulo 3.

Nesse sentido, Fortes (2005) ressalta que o processo de apuração do jornalismo investigativo começa com a percepção dessas inconsistências e contradições de narrativas e, por esse motivo, o ponto de partida de uma investigação começa com a busca por algum sentido desse discurso oficial. É, a partir desse ponto, que urge a necessidade de uma formulação de uma hipótese inicial, com a busca por fontes e documentos que elucidam a dúvida inicial por parte do jornalista.

A reportagem que exibiremos no Fantástico começou da maneira mais trivial. A história chegou até mim do mesmo modo que muitas outras. Particpei ao vivo do Redação SporTV numa terça-feira pela manhã e expus ao público um erro grosseiro e proposital que a diretoria de Wagner Pires de Sá tinha cometido em seu balanço financeiro, a fim de reduzir o prejuízo incorrido em seu primeiro ano de gestão. O diretor financeiro contabilizou parte da venda do meia Arrascaeta para o Flamengo, negociada e executada em 2019, como receita de 2018. A medida contrariou regras contábeis e tinha um propósito escuso: o de passar uma rasteira no Governo federal, pois o clube estava impedido, segundo regras do Governo, de registrar prejuízo acima de certa quantia, por ter sido beneficiado por um refinanciamento de dívidas fiscais. Algumas pessoas assistiram ao meu comentário na televisão fechada e acharam que eu poderia me interessar por mais informações. Começaram a me mandar mensagens minutos depois que tirei o microfone. A um mês e meio do Fantástico. (Capelo, 2021, p.242)

No processo de apuração tudo começa com casos aparentemente banais, como a invasão à sede do partido democrata no *Caso Watergate*, mas que com o cruzamento de informações e a desconfiança dos discursos oficiais é possível aprofundar a investigação seguindo o que, no momento inicial, se tratam apenas de “pequenos indícios”.

Rodrigo Capelo nunca havia se credenciado como um jornalista investigativo mas, com o decorrer das investigações, se viu obrigado a deixar de lado as planilhas de balanços financeiros, como ele mesmo julga, em seu livro, ser a sua especialidade, para partir em busca de informações mais precisas com fontes que enchiam seu celular de mensagens sobre possíveis denúncias contra a diretoria do Cruzeiro. A primeira fonte do jornalista foi “C”, como ele descreve nos bastidores da apuração em “O futebol como ele é”.

As fontes confidenciais, assim como ocorrera com os repórteres Woodward e Bernstein (1974), reforçam a necessidade de o repórter proteger os informantes e checar

minuciosamente cada dado levantado antes de cada publicação. Considerando que as investigações acerca de um clube institucional envolvem inúmeros conflitos e interesses políticos, estas checagens de informações precisam ser analisadas com muito mais cautela, visto que, em vários momentos podem surgir eventuais informantes que possuem a única intenção de prejudicar o investigado com provas que não sejam verídicas.

“C”, a quem Capelo se refere em homenagem a Cláudio Manuel da Costa, um dos mártires da Inconfidência Mineira, tinha de fato o objetivo de tumultuar os bastidores políticos do clube, por fazer parte da oposição, e por esse motivo gostaria da divulgação da reportagem o quanto antes em troca das informações que ele julgava chocantes, a ponto de ganharem espaço na grade do Fantástico. As tais evidências de “C” se tratavam de provas sobre remunerações do clube a membros de torcidas organizadas, intermediários de jogadores que não tinham prestado serviço nenhum, e escritórios de advocacia que também advogavam para Itair Machado.

Falamos por telefone e ficou combinado que nos veríamos em Belo Horizonte. Só houve divergência em relação ao momento do encontro. O Cruzeiro passaria o balanço por votação no Conselho Deliberativo dali a poucos dias, então era do interesse dessa fonte que as reportagens fossem publicadas o mais rápido possível. É comum que pessoas na posição dele queiram perturbar inimigos com avalanches de notícias negativas, como também é corriqueiro que tentem manter o repórter sob controle em relação ao *timing* da publicação. Barganham com o furo de reportagem. (Capelo, 2021, p.243)

Para Fortes (2005), o repórter tem o dever de assumir uma postura ativa na apuração, e com as rédeas da situação diante da fonte. Dessa forma, o jornalista não corre o risco de ser manipulado por quem transmite a informação, que embora seja útil ao repórter, não deve se tornar refém da fonte. Um jornalista investigativo precisa conduzir a apuração com base na persistência e na capacidade de questionar até mesmo as informações mais óbvias.

“C” me pressionou, dizendo que outros veículos poderiam ter acesso a partes do material, por mais que tivesse me prometido exclusividade. Disse que havia outro repórter paulista no jogo, a quem ele tinha prometido notícias. Minha ideia era outra. Adiantei-lhe que pretendia fazer uma reportagem grande, contundente, e que faria a checagem dos documentos sem pressa. Se ele quisesse passar a história para outro jornalista, tudo bem, não me importaria. Blefei, claro. (Capelo, 2021, p.244)

O trabalho dos jornalistas Bob Woodward e Carl Bernstein (1972) é um exemplo claro da relação jornalista-fonte, que Fortes (2005) destaca em seus estudos, ao utilizarem técnicas apuradas de condução para extrair informações privilegiadas de “Garganta Profunda”, sua fonte confidencial. Woodward evitava perguntar diretamente, e sempre com afirmações, induzia a fonte a dar respostas mais sugestivas.

Outro ponto relevante dos estudos de Fortes (2005) acerca do trabalho dos jornalistas investigativos é o blefe, onde o objetivo é fazer com que a fonte fale, de forma natural, assuntos de interesse do repórter, partindo do pressuposto de que o profissional já saiba dos fatos previamente. Na grande maioria dos casos, o repórter, com sutileza, toma o controle da entrevista ao ponto de dominar a narrativa, insinuando que tenha mais informações do que ele realmente já tem, ou até mesmo, demonstrar desinteresse em algum fato, quando claramente se busca o contrário, como no caso de Capelo.

Um mês antes da divulgação da grande reportagem do Fantástico, Capelo seguia em busca de novas informações a respeito das inconsistências financeiras da gestão do Cruzeiro Esporte Clube, e foi justamente nesse período que “T”, a quem ele se refere em “O futebol como ele é” em referência a outro inconfidente mineiro, Tomás Antônio Gonzaga, entrou em contato alegando ter acesso a alguns documentos que seriam de grande valia ao repórter. “T” tinha conhecimento sobre o cotidiano do Cruzeiro e o histórico das pessoas envolvidas, no entanto, não tinha provas a respeito. Contudo, possuía boa relação com gente próxima do clube e conhecia pessoas com acesso aos arquivos celestes.

“T” interrogou essa pessoa na primeira vez que a encontrou, em lugar público, e me mandou um relatório sobre toda a conversa travada. Ficou subentendido que ela tinha documentos comprometedores, mas só os passaria à frente se não fosse exposta. Essa pessoa está apavorada. Ele me mandou a seguinte mensagem. “Cruza os dedos, porque estou indo na casa dele buscar o pen drive. Vamos ver se vai entregar. Acho que vai. Ele está muito puto”. (Capelo, 2021, p.244)

Após o recebimento dos documentos, Capelo passou dias analisando os documentos, checando informações e buscando novas informações sobre os problemas financeiros do Cruzeiro. Ainda em São Paulo, onde trabalhava, o jornalista descobriu, após análise dos documentos, dois itens chaves da investigação que seriam fundamentais para dar prosseguimento às novas apurações, desta vez, de forma presencial, em Belo Horizonte, capital mineira.

A primeira está relacionada a um acordo de empréstimo com o empresário Cristiano Richard, em que o Cruzeiro se comprometeu a pagar R\$2 milhões, emprestados ao clube, até o fim de 2018. Caso o cessionário, Cruzeiro, não tivesse condições financeiras de arcar com o pagamento, seria aceita a quitação da dívida mediante a ação em pagamento de direitos esportivos. Ou seja, Richard aceitaria a cessão de algum atleta para arcar com os custos do empréstimo.

O Cruzeiro, com dívida de R\$ 500.000.000, segundo o seu último balanço financeiro, não conseguiu arcar com os custos do empréstimo e cedeu porcentagem dos direitos de dez jogadores. Porém, um em específico impressionou o repórter: Estevão William, que tinha apenas 11 anos de idade, à época. A cessão de direitos econômicos de jogadores a terceiros, que não fossem clubes de futebol, havia sido proibida pela Federação Internacional de Futebol, FIFA, em 2015. Mas por se tratar de uma criança, que ainda não tinha idade para assinar um contrato profissional - permitido a partir dos 16 anos - o empresário havia comprado “vento”, como descreve o repórter, mas no fim das contas teria um lucro muito acima do contrato de empréstimo realizado, visto que, segundo as pessoas próximas ao clube, Estevão era um garoto geracional, um craque que daria um grande lucro ao Cruzeiro. Não à toa apelidado de Messinho, em referência ao craque argentino.

Minas Gerais tem um solo fértil, também no futebol. Terras de pedras preciosas, como do pequeno Estevão. As semelhanças com o estilo de jogo do argentino Lionel Messi lhe renderam o apelido de Messinho. Aos 10 anos foi o jogador brasileiro mais jovem a ser patrocinado por uma grande fornecedora de material esportivo. Uma jóia rara que foi parar na vitrine de um dos maiores clubes do país, o Cruzeiro. Na vitrine e na bolsa de valores. Em abril do ano passado, o Cruzeiro repassou 20% dos direitos econômicos de Estevão como pagamento de uma dívida de dois milhões de reais com um empresário, como mostra este contrato registrado em cartório, assinado pelo presidente e por dirigentes do clube. O que é ilegal! Messinho tinha apenas 11 anos e negociar o trabalho de menores de idade é crime, previsto pela Lei Pelé e pelo Estatuto da Criança e do Adolescente. (Fantástico, 2019, [00:32])

A outra intercorrência observada nas primeiras apurações de Capelo foram os constantes aumentos de salário por parte dos dirigentes do Cruzeiro, Itair Machado e Sérgio Nonato. O pendrive de “T” continha informações sobre os constantes aumentos na remuneração do diretor de futebol da Raposa e o seu salário fora da realidade com o mercado nacional para o cargo exercido. Todos os aditivos salariais continham assinaturas do próprio Itair e do presidente Wagner, mas sem testemunhas.

Como exibido na reportagem do último domingo, Itair está no clube há 1 ano e cinco meses e já teve três alterações contratuais para aumento de seus vencimentos. Da mesma forma ocorreu com o diretor-geral, Sérgio Nonato. Ele começou ganhando R\$60 mil, em abril de 2018, dois meses depois, passou a ganhar R\$75 mil, e em dezembro recebeu mais um aumento, passando a receber R\$125 mil por mês. (Moreira, 2019)

O material recebido pelo jornalista continha informações fundamentais para o prosseguimento das investigações por parte de Capelo. Embora não tenha constatado nada ilegal, o jornalista percebe que os documentos deixavam claro que o Cruzeiro estava sendo prejudicado em benefício dos dirigentes e isso, com toda certeza, era uma grande história para uma reportagem. Estava na hora de ir a Belo Horizonte em busca de novas informações.

Segundo Fortes (2005), a presença física do repórter pode gerar maior confiança na fonte, sendo um grande facilitador na busca por novas informações e revelações espontâneas. A apuração presencial facilita o profissional a observar o ambiente, analisar a linguagem corporal do entrevistado e analisar outros detalhes que não seriam possíveis remotamente.

O objetivo da ida a Belo Horizonte era expandir a apuração. Embora Capelo já tivesse material suficiente para uma grande reportagem, aproveitou os dois dias na capital mineira para encontrar as fontes com quem mantinha contato à distância e buscar novas informações acerca das irregularidades que envolviam a gestão do Cruzeiro. Ao conversar com “C”, o repórter recebeu o principal documento que havia recebido de alguém de dentro do clube: Um balancete contábil analítico.

Capelo, especialista em negócios do esporte, estava acostumado a analisar esse tipo de documento, visto que dentro do seu trabalho no GE tinha episódios voltados para este fim em seu podcast “Dinheiro em Jogo”, onde analisa e comenta o balanço financeiro dos clubes brasileiros à medida em que são divulgados.

A papelada impressa estava toda rasurada com marca-texto, asteriscos e sublinhada. Conforme conversávamos sobre quais eram os interesses de “C” em vazar os documentos, para que eu tivesse uma noção mais clara de suas ambições, fui folheando o balancete e pedindo para que ele me explicasse a quem pertenciam determinados nomes e empresas. Eu ainda precisaria fazer a minha checagem particular dos termos do documento, mas o bate-papo seria útil para que eu soubesse quais pontos deveria priorizar. (Capelo, 2021, p.253)

A primeira ida de Capelo para a capital mineira foi importante para estreitar o laço com suas fontes e encontrar novas informações acerca de pessoas que estavam dispostas a expor novos fatos sobre as fraudes nos bastidores celestes. Um deles foi Robson Pires, ex-diretor comercial do clube e que havia sido demitido pela direção vigente. O nome de Robson foi compartilhado por “T”, que ao encontrar o repórter pela primeira vez, compartilhava novas histórias e números de celulares. Rodrigo tinha o trabalho de mandar mensagem às pessoas e marcar as conversas.

Robson e Rodrigo já se conheciam de conversas passadas sobre patrocínios fechados pelo ex-diretor para o Cruzeiro, outro tema muito abordado por Capelo em seu blog e podcast. No primeiro contato, o jornalista observou uma certa mágoa do ex-diretor com o clube, rechaçando o encontro e alegando que queria distância da política do Cruzeiro e que não tinha mais nada para falar sobre o clube. Minutos após o primeiro contato, Robson retorna, desta vez, interessado em marcar uma conversa.

Fortes (2005) ressalta que o jornalista sempre deve estar no controle em relação com a fonte. Essa estratégia mantém uma distância necessária e evita que a narrativa seja dominada por interesse de terceiros. Capelo, que tinha compromissos na sede do rival, Atlético Mineiro, que havia acabado de publicar o seu balanço financeiro, se colocou à disposição para falar com o ex-diretor mais tarde, embora desconfiado da mudança repentina de opinião.

Quando ele retornou a voz parecia distante. Ele provavelmente estava em viva-voz. Era Robson quem perguntava. Ele queria saber que tipo de documento eu estava procurando. Respondi: contratos, comprovantes, trocas de emails, qualquer coisa me servia. “Mas você já tem alguma coisa, né?”. Desconversei, dizendo que ainda estava procurando. Mencionei que tinha acabado de sair do Atlético Mineiro e estava a caminho do aeroporto. O ex-diretor quis saber por que eu estava lá. Falei que tinha aproveitado a passagem para saber mais do balanço financeiro atleticano, que tinha acabado de ser publicado, assunto sem nenhuma relação com o Cruzeiro. Ele duvidou. Robson insistiu muito para saber o que eu tinha conseguido. Despistei, desliguei. O entrevistado tinha sido eu. (Capelo, 2021, p.255)

Para Hunter (2009), o jornalista precisa manter uma boa relação com suas fontes, mas sendo estrategista, sabendo usá-las no momento certo da investigação, sem perder o controle de todo o processo. Para o autor, o repórter deve conduzir a investigação sem depender excessivamente do que a fonte quer revelar, dar os rumos da reportagem sem deixar que a fonte interfira neste processo.

Ao retornar da primeira ida à capital mineira para aprofundar nas apurações, Capelo precisava analisar todos os documentos que havia recebido, principalmente o balancete contábil analítico - e foi nessa direção que foram levantadas todas as questões abordadas no Fantástico.

Segundo Lage (2001), a verificação de fontes documentais, papel fundamental do jornalista, evita erros, auxilia nas descobertas de novas conexões e oferece segurança jurídica ao profissional, visto que é possível comprovar com documentos as alegações feitas na reportagem. A apuração é o coração do jornalismo, já que são os documentos e demais registros oficiais que sustentam as investigações.

Organizei o trabalho da seguinte maneira: Em primeiro lugar, era necessário rastrear todos os conselheiros que tinham sido empregados por Wagner Pires de Sá no quadro de funcionários. Não havia nenhuma ilegalidade nisso (...). Como tais conselheiros teriam isenção para fiscalizar e cobrar atitudes de uma diretoria que os remunerava? Consegui com “T” a lista com os nomes, dados pessoais e fotos de todos os conselheiros cruzeirenses. Depois, passei para o Excel os nomes de pessoas físicas e jurídicas que apareciam no balancete. (Capelo, 2021, p.255)

A partir desse momento, com o cruzamento de dados que fez com base no balancete e nos demais materiais recebidos por outras fontes, a apuração de Capelo começa a ganhar consistência de uma grande reportagem e comprova as histórias que havia escutado sobre o favorecimento a conselheiros na estrutura administrativa do clube. Nesse momento, o jornalista tinha as primeiras provas de que o Conselho Deliberativo tinha sido aparelhado.

Outra checagem que trouxe grandes resultados na apuração está relacionada com a busca por empresários e intermediários nas negociações com o Cruzeiro em 2018. A primeira ação de Capelo foi levantar, por meio da CBF, a relação de empresários que estavam autorizados pela entidade a trabalhar com intermediação no futebol. “Se o sujeito tivesse recebido dinheiro do clube mineiro, mas não estivesse inscrito no sistema da confederação, este seria um indício de que poderia haver algo mais grave por trás daquele nome. E, de fato, existiam casos assim na lista”. (Capelo, 2021, p.256)

Além da AV & S Consultoria Desportiva, citada na reportagem “Um Gigante em Crise”, no Fantástico, outro fato chamou a atenção de Capelo. E foi nesse momento que ele viu a necessidade de colocar mais gente na investigação. O jornalista encontrou no balancete do Cruzeiro a Jeo Rafah Sports, que havia recebido R\$ 1,9 milhão - e que também não estava

registrada no sistema da CBF. A empresa pertencia ao filho de Carlinhos Sabiá, ex-jogador do Cruzeiro e que havia se tornado agente de atletas. As fontes de Rodrigo indicavam que era necessário investigar de forma mais profunda a relação entre Sabiá e Itair Machado. E é nesse momento que a figura de Gabriela Moreira começa a ganhar destaque na produção da reportagem.

Em breve passagem pelo Rio de Janeiro, numa terça-feira, 14 de maio de 2019, eu me reuni com editores para combinar o que seria a reportagem sobre o Cruzeiro. Eles já tinham recebido o resultado da minha apuração e ninguém imaginava que ela acabaria no Fantástico. A ideia inicial dos chefes era mandar para o Esporte Espetacular. Como a ambição passou a ser a televisão aberta, a partir dessa reunião entrou na jogada a repórter Gabriela Moreira. Ela tinha muitíssimo mais experiência do que eu em tudo o que era necessário: produção de reportagens para a TV e jornalismo investigativo, além de contar com fontes em lugares que eu não alcançaria, entre policiais e promotores. (Capelo, 2021, p.257)

Após a chegada de Moreira, a chefia de reportagem definiu mais uma viagem à capital mineira, desta vez com Gabriela, um produtor e um câmera, com o objetivo de captar material para o fechamento da reportagem para a TV. Antes da viagem, houve mais uma checagem de informações por parte de Capelo, desta vez para comprovar a veracidade das assinaturas de Itair Machado e Sérgio Nonato.

Para Fortes (2005), o jornalista investigativo não pode ser apenas um receptor de informações; ele deve conduzir o processo, verificar os dados e evitar ser manipulado. Antes do embarque a Belo Horizonte, Rodrigo Capelo recebe informações em seu WhatsApp de um número desconhecido. Nele constavam informações sobre Gustavo Perrella, sobrinho de Zezé Perrella, que tinha sido funcionário do Cruzeiro e da CBF ao mesmo tempo. Além disso, ainda o acusava de corrupção, alegando envolvimento de narcotráfico de cocaína no helicóptero da família. Seria mais uma fonte?

Na verdade, era uma tentativa de manchar a apuração, com o envio de um material falso e/ou fora de contexto com o objetivo de mudar a angulação da reportagem para a família Perrella. Era politicagem. Por fim, a foto utilizada no perfil do WhatsApp da possível fonte era falsa. Se tratava de Patricia Domínguez, jornalista de Barcelona. Enquanto isso, Capelo consegue o número verdadeiro de Patrícia e busca checar a história. De fato, era mentira. É nesse momento que os repórteres descobrem que a diretoria do Cruzeiro já sabia dos seus movimentos.

Já em Belo Horizonte para captar as imagens e encontrar com os envolvidos na apuração, Moreira e Capelo se dividem para fechar o trabalho que ainda não estava definido para qual programa iria no domingo seguinte. Nos primeiros dias da estadia em BH, o objetivo era capturar o material com as fontes que não pertenciam à diretoria do Cruzeiro. Após realizado este trabalho, a missão era contatar de forma oficial a direção do clube, nas figuras de Wagner Pires de Sá e Itair Machado.

Na maioria das vezes, Capelo ficava na sede do GE em BH com Gabriel Duarte, que participava ativamente na apuração, tentando falar com fontes ligadas aos clubes, conselheiros e demais envolvidos. Gabriela, na maioria das vezes, saía com o produtor e o câmara em busca das imagens. Porém, em alguns momentos, como é possível observar no minuto 09:58, em “Um Gigante em Crise”, Capelo participa das gravações com a repórter. “Enquanto a Gabriela estava firme como rocha, ao tocar o interfone da casa de Carlinhos Sabiá, com microfone na mão e perguntas na ponta da língua, fiquei atrás dela e mal cabia em mim de tanto nervosismo”. (Capelo, 2021, p.259)

Durante as gravações com as fontes que realizavam as denúncias, Capelo recebe, em seu WhatsApp, sinal verde de uma nova fonte, dessa vez, chamada de “I”, em alusão a Inácio José de Alvarenga Peixoto, outro inconfidente mineiro, proprietário de grandes minas de ouro. Em seu livro, o jornalista relata que o material fornecido pela fonte, de fato, valia ouro, e seria um ótimo motivo para que ele se debruçasse nos documentos a noite toda para cruzar informações e encontrar novidades a respeito da farra com o dinheiro do clube.

Recebi mais uma leva de documentos e passei a madrugada trabalhando neles (...). Dentro da pasta havia cópias de todos os contratos de Itair Machado e Sérgio Nonato. Vindo de fontes diferentes, isso nos dava ainda mais segurança em relação à veracidade dos arquivos. E havia uma planilha com detalhes de todos os contratos do Cruzeiro vigentes no momento: Valores, datas e descrições. (Capelo, 2021, p.260)

No dia seguinte, Capelo e Duarte passaram boa parte do dia em busca de contato com os conselheiros listados na planilha. Contudo, como sabiam dos movimentos dos jornalistas, haviam instruções para que os conselheiros não atendessem números de telefone paulistas ou cariocas. Isso explicava a recusa imediata nos telefonemas.

É nesse momento que surge a figura de Marcone Barbosa, conhecido de Rodrigo Capelo dos assuntos sobre marketing do Cruzeiro, e que agora participava ativamente do

departamento de futebol do clube. Marcone ressalta que a direção do clube ficou muito indignada com a maneira como o jornalista estava seguindo a sua pauta. Segundo Barbosa, o presidente havia recebido algumas gravações de ligações feitas por Rodrigo, dentre elas a de Robson, que insistiu para falar com Rodrigo em sua primeira passagem na capital mineira.

Na ligação, Barbosa ressalta que conseguiu convencer a direção do clube a falar com eles, mas a conversa presencial não aconteceu, já que a diretoria do Cruzeiro decidiu que mandaria todas as respostas por escrito. Esse trecho foi ao ar no minuto 10 da grande reportagem do Fantástico.

Algumas histórias clarearam com a ligação. Passamos a saber por que Robson Pires tinha tentado extrair informações de mim no início da apuração (...) Ficaria ainda mais claro com os eventos seguintes que a ligação havia sido uma tentativa de intimidação. Itair Machado tinha o costume de ameaçar jornalistas, dizendo que revelaria coisas a respeito deles, como foto e gravações. (Capelo, 2021, p.263)

O último ato dos repórteres em BH, antes do fechamento da reportagem, foi abordar Ivo Gonçalves, pai de Estevão. Após idas e vindas buscando o possível endereço do jogador, Gabriela o encontrou, e em vez de chegar com câmera e microfones em punho, a experiente repórter achou prudente explicar o caso antes de qualquer entrevista. O primeiro relato da reação do pai de Estevão é de desconfiança da história.

Mandei os contratos no WhatsApp da Gabriela, e ela os mostrou a Ivo. Ele ficou desolado. Colocou as mãos na cabeça, andou para trás até encostar num muro, tudo à frente da Toca da Raposa I, onde treinam as categorias de base. Ele parecia genuinamente surpreso. Não quis gravar, mas nosso câmera captou imagens a distância. Para nós, bastava. (Capelo, 2021, p.264)

Com as imagens e o depoimento de Ivo, os repórteres conseguiram captar os pontos mais importantes da apuração para a produção de uma grande reportagem. Conselheiros, dirigentes, torcidas organizadas e todas as figuras que tiravam dinheiro do clube foram procuradas em busca de respostas para as evidências que os documentos mostravam. Uma apuração precisa conduzida com paciência, ética e compromisso com a verdade.

Tamanha precisão tirou a reportagem do Esporte Espetacular, principal programa esportivo da grade da TV Globo, transmitido aos domingos pela manhã, e levou para o Fantástico, principal programa da casa, que engloba temas como entretenimento, jornalismo e

investigação. No dia 26 de maio de 2019, o trabalho de Capelo e Moreira entra para a história do jornalismo esportivo investigativo nacional.

### **Considerações finais**

Esse estudo analisou a importância do trabalho de apuração dos jornalistas Rodrigo Capelo e Gabriela Moreira na reportagem “Um Gigante em Crise”, exibida no Fantástico em 26 de maio de 2019, e sua relevância dentro do jornalismo esportivo investigativo. A investigação conduzida pelos jornalistas revelou um esquema de fraudes e irregularidades na gestão do Cruzeiro Esporte Clube, expondo um modelo de administração que, por anos, foi negligenciado por parte da imprensa esportiva tradicional. A reportagem especial trouxe à tona questões que não eram tratadas com tanto rigor no jornalismo esportivo, como a necessidade de maior transparência na administração dos clubes bem como a importância da fiscalização dessa esfera contábil do futebol, com a análise de balanços financeiros, de gestão e planejamento como parte da cobertura esportiva.

Foi possível analisar os detalhes de uma apuração rigorosa, com base nos conceitos de Fortes (2005) e Traquina (2005) sobre a necessidade de um trabalho árduo e minucioso, pautado na checagem de informações, além do estabelecimento de uma boa relação entre jornalista e fonte, a partir do que a reportagem revela: contratos suspeitos e uma situação financeira insustentável, por meio de análises profundas de balanços financeiros e demais documentos disponibilizados pelas fontes de informação.

“Um Gigante em Crise, objeto de estudo deste trabalho de conclusão de curso, evidenciou que o trabalho do jornalista esportivo precisava continuar indo além das quatro linhas do campo, com o acompanhamento cada vez mais de perto tanto de repórteres quanto de torcedores, interessados em acompanhar o dia a dia do clube para que o esquema de fraudes denunciado não voltasse a ocorrer.

Dentro desse contexto, o próprio trabalho de Rodrigo Capelo começou a ganhar maior projeção, com uma maior assiduidade nos episódios e maior acompanhamento do público em seu podcast “Dinheiro em Jogo”, sobretudo em seus episódios especiais sobre Balanços Financeiros, quando recebia o economista Cesar Grafietti para debater as finanças dos principais clubes do país, e também durante suas participações nos programas da grade do Grupo Globo, o que consolidou ainda mais a importância desse debate sobre as finanças no futebol brasileiro.

Contudo, ao longo do estudo tornou-se evidente notar que a reportagem sobre a crise financeira do Cruzeiro não foi um caso isolado, mas parte de um legado do jornalismo esportivo investigativo, que já ajudou a desvendar esquemas como a “Máfia das Loterias Esportivas” e a “Máfia do Apito”, nas figuras de grandes profissionais que construíram suas carreiras pautadas em excelentes trabalhos voltados para essa vertente do jornalismo, como Juca Kfourri e André Rizek.

O trabalho de Moreira, a quem Kfourri sempre considerou uma das grandes referências do jornalismo esportivo investigativo da atualidade, e Capelo estão inseridos no contexto da nova geração de profissionais que ressalta o papel do jornalismo esportivo como algo além do entretenimento, tendo também um papel fiscalizador.

A repercussão da reportagem também reflete em uma mudança na relação entre os clubes, imprensa e torcida, visto que abre-se um novo olhar por parte da cobertura esportiva sobre assuntos que vão além de crônicas sobre o jogo e debates sobre o rendimento dos atletas em campo. O caso do Cruzeiro evidenciou que a gestão financeira dos clubes é um dos aspectos relevantes para o futuro da equipes, sendo um dever do repórter informar o torcedor sobre o tema, para que assim ele também possa agir como um agente fiscalizador, cobrando maior transparência e austeridade por parte das diretorias dos clubes de futebol. Desta forma, o jornalismo esportivo investigativo cumpre uma função social, e estimula o fim do que chamamos de “torcedor de dirigente”, com o intuito de proteger um patrimônio cultural e afetivo de milhões de pessoas.

O jornalismo esportivo investigativo é um instrumento importante na garantia de uma maior responsabilidade na gestão do futebol, e esse estudo ajuda a evidenciar que o futebol brasileiro sempre precisará de jornalistas comprometidos com a verdade e dispostos a questionar, com o intuito de garantir uma maior transparência e austeridade para esse patrimônio imaterial do nosso país.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRUDA, Rafael. Cruzeiro reencontra Boca, seu maior rival na história da Libertadores. Superesportes, 30 ago. 2018. Disponível em:

[https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/cruzeiro/2018/08/30/noticia\\_cruzeiro\\_499524/cruzeiro-reencontra-boca-seu-maior-rival-na-historia-da-libertadores.shtml](https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/cruzeiro/2018/08/30/noticia_cruzeiro_499524/cruzeiro-reencontra-boca-seu-maior-rival-na-historia-da-libertadores.shtml).

Acesso em: 8 jan.2025

BUCCI, Eugênio. Sobre ética e imprensa. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CAMPBELL, Joseph. The hero with a thousand faces. Princeton: Princeton University Press, 1949.

CAPELO, Rodrigo. O Futebol como ele é: as histórias dos clubes brasileiros, investigadas em seus meandros políticos e econômicos, explicam como e por que se ganha (e se perde) neste jogo. Campinas, SP: Editora Grande Área, 2021.

COELHO, Paulo Vinicius. Jornalismo esportivo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CRUZEIRO 2014 muda e adota perfil de contratações diferente de 2012 e 2013. GE.

Disponível em:

<https://ge.globo.com/futebol/times/cruzeiro/noticia/2013/12/cruzeiro-2014-muda-e-adota-perfil-de-contratacoes-diferente-de-2012-e-2013.html#:~:text=2012%3A%20Contrata%C3%A7%C3%B5es%20fracassadas&text=O%20pacot%C3%A3o%20de%20jogadores%20de,e%20o%20zagueiro%20Alex%20Silva>. Acesso em: 8 jan. 2025

DAMASCENO, Renan. Do título marcado pela tragédia à euforia de um predestinado: como o Cruzeiro escreveu sua história. Estado de Minas, 07 set. 2018. Disponível em:

[https://www.em.com.br/app/noticia/90-anos/2018/09/07/interna\\_90\\_anos.986631/do-titulo-marcado-pela-tragedia-a-euforia-de-um-predestinado-como-o-c.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/90-anos/2018/09/07/interna_90_anos.986631/do-titulo-marcado-pela-tragedia-a-euforia-de-um-predestinado-como-o-c.shtml). Acesso em: 06 fev. 2025

DESMANCHE faz Cruzeiro ter receita recorde, mas não evita prejuízo. ESPN. Disponível em: <http://www.espn.com.br/noticia/...>

DIAS, Elder. O discreto repórter que desvendou a máfia do futebol brasileiro. Disponível em: <https://www.jornalopcao.com.br/colunas-e-blogs/imprensa/o-discreto-reporter-que-desvendou-a-mafia-do-futebol-brasileiro-490521>. Acesso em: 1 nov.2024

FIFA. A redenção de Ronaldo em 2002: o herói do penta. Fifa.com. Disponível em: <https://www.fifa.com/fifaplus/pt/articles/2002-ronaldo-redencao-copa-do-mundo-penta>. Acesso em: 16 out. 2024

FURTADO, Bruno. Cruzeiro apresenta primeira parte do 'pacotão' de reforços para a temporada. Disponível em: [https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/cruzeiro/2012/01/04/noticia\\_cruzeiro\\_205903/cruzeiro-apresenta-primeira-parte-do-pacotao-de-reforcos-para-a-temporada.shtml](https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/cruzeiro/2012/01/04/noticia_cruzeiro_205903/cruzeiro-apresenta-primeira-parte-do-pacotao-de-reforcos-para-a-temporada.shtml). Acesso em: 8 jan.2025

FURTADO, Bruno. Cruzeiro tem ano atípico nas vendas e prevê dificuldade financeira até dezembro. Superesportes. Disponível em: [https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/cruzeiro/2010/09/01/noticia\\_cruzeiro\\_164303/cruzeiro-tem-ano-atipico-nas-vendas-e-preve-dificuldade-financeira-ate-dezembro.shtml](https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/cruzeiro/2010/09/01/noticia_cruzeiro_164303/cruzeiro-tem-ano-atipico-nas-vendas-e-preve-dificuldade-financeira-ate-dezembro.shtml). Acesso em: 8 jan.2025

GAZETA DO POVO. Escândalo Watergate: emblema do jornalismo faz 40 anos. Gazeta do Povo, 2012. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/escandalo-watergate-emblema-do-jornalismo-faz-40-anos-281o8p24au0qn4cgkck2kw30u/>. Acesso em: 17 nov. 2024

GLOBO. Cruzeiro chega a R\$ 500 milhões em dívidas e é investigado por operações irregulares. Fantástico, Rio de Janeiro, 26 maio 2019. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7644915/>. Acesso em: 22 mar.2025

GLOBO. Escândalo Watergate. Memória Globo, 2024. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/escandalo-watergate/noticia/escandalo-watergate.ghtml>. Acesso em: 17 nov.2024

GOMES, Caio Cesar. Escudo do Cruzeiro: como surgiu e a história do símbolo. ge.globo, 21 fev. 2024. Disponível em:

<https://ge.globo.com/futebol/times/cruzeiro/especial/2024/02/21/c-escudo-do-cruzeiro-como-surgiu-e-a-historia-do-simbolo.ghtml>. Acesso em: 06 fev.2025

GUERRA, Márcio. Cem anos de rádio no Brasil: relação histórica entre rádio e esporte.

Disponível em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2022-08/cem-anos-do-radio-no-brasil-relacao-historica-entre-radio-e-esporte> Agência Brasil, 06 ago. 2022. Acesso em: 16 out. 2024.

KFOURI, Juca. Confesso que perdi. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir. São Paulo: Geração Editorial, 2003.

MAIA, Chico. Balanço do Cruzeiro de 2010 gera expectativa de aumento do prejuízo.

Disponível em:

<https://blog.chicomaia.com.br/2011/01/09/balanco-do-cruzeiro-de-2010-gera-expectativa-de-aumento-do-prejuizo/> Acesso em: 8 jan.2025

MARQUES, J. C. (org). Comunicação e esporte: diálogos possíveis. São Paulo: ArtColor, 2007.

MADUREIRA, Thiago. Pioneiro, Cruzeiro celebra 50 anos da Toca I e explica planos para o CT. Superesportes, 03 fev. 2023. Disponível em:

[https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/cruzeiro/2023/02/03/noticia\\_cruzeiro\\_3987298/pioneiro-cruzeiro-celebra-50-anos-da-toca-i-e-explica-planos-para-o-ct.shtml](https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/cruzeiro/2023/02/03/noticia_cruzeiro_3987298/pioneiro-cruzeiro-celebra-50-anos-da-toca-i-e-explica-planos-para-o-ct.shtml). Acesso em: 06 fev. 2025

RIO DE JANEIRO (Cidade). Secretaria Especial de Comunicação Social. Jornalismo esportivo: os craques da emoção. Rio de Janeiro: A Secretaria, 2004. 116 p. (Cadernos da Comunicação. Série Estudos; v. 11).

RIZEK, André. Investigação sobre Máfia do Apito começou com áudio, também recorda André Rizek, autor da reportagem que revelou esquema em 2005. Seleção SporTV.

Disponível em:

<https://www.fogaonet.com/noticias-do-botafogo/investigacao-sobre-mafia-do-apito-comecou-com-audio-tambem-recorda-andre-rizek-autor-da-reportagem-que-revelou-esquema-em-2005/>. Acesso em: 18 nov.2024.

RODRIGUES, Nelson. A pátria de chuteiras. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

SOUZA, Denaldo. Mário Filho: Os anos de formação. Ludopédio, 2018. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquibancada/mario-filho-os-anos-de-formacao-1927-1938/>. Acesso em: 14 out. 2024.

TOCA da Raposa 2 completa 10 anos nesta sexta-feira. Extra, 8 fev. 2012. Disponível em: <https://extra.globo.com/esporte/toca-da-raposa-2-completa-10-anos-nesta-sexta-feira-4269337.html>. Acesso em: 8 jan.2025

TRAQUINA, Nelson. Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2005.

WOODWARD, Bob; BERNSTEIN, Carl. Todos os homens do presidente. São Paulo: Companhia das Letras, 1975.

## REFERÊNCIAS DAS FOTOS

**Figura 1:** CRUZEIROWEB. Jornal da época noticia título nacional do Cruzeiro diante do Santos, em 1966. Disponível em: <https://www.cruzeiroweb.net/news.asp?nID=78703>. Acesso em: 6 jan. 2025.

**Figura 2:** ESTADO DE MINAS. Matéria sobre a inauguração da Toca da Raposa I, com fotos da solenidade e placa de homenagem ao presidente do Cruzeiro à época, Felício Brandi. Belo Horizonte, 1973. Disponível em: <https://www.em.com.br>. Acesso em: 6 jan. 2025.

**Figura 3 -** IMORTAIS DO FUTEBOL. Cruzeiro Campeão Brasileiro de 2003. **Fonte:** Paulo Fonseca/AE. Disponível em: <https://imortaisdofutebol.com/esquadrao-imortal-cruzeiro-2003/>. Acesso em: 8 jan. 2025.

**Figura 4:** GLOBOESPORTE. Fred foi negociado junto ao Lyon em meados de 2005. Foto: Globoesporte.com. Disponível em: <https://ge.globo.com/ESP/Noticia/Arquivo/0,,AA1022970-4401,00-CRUZEIRO+VENDE+FERRED+PARA+O+LYON.html>. Acesso em: 8 jan. 2025.